

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

MERAB ALVES

REFLEXÕES SOBRE A CONSTITUIÇÃO DE UMA DOCÊNCIA DE QUALIDADE

**Bagé
2016**

MERAB ALVES

RELEXÕES SOBRE A CONSTITUIÇÃO DE UMA DOCÊNCIA DE QUALIDADE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras Português e Literatura da Língua Portuguesa da Universidade Federal do Pampa – Campus Bagé, como requisito para o desenvolvimento da obtenção do título em Licenciada em Letras Português e Literatura da Língua Portuguesa

Orientadora: Diana Paula Salomão de Freitas

**Bagé
2016**

MERAB ALVES

RELEXÕES SOBRE A CONSTITUIÇÃO DO PROFESSOR DE QUALIDADE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras Português e Literatura da Língua Portuguesa da Universidade Federal do Pampa – Campus Bagé, como requisito para o desenvolvimento da obtenção do título em Licenciada em Letras Português e Literatura da Língua Portuguesa

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 13 de dezembro de 2016

Banca examinadora:



Prof. Dra. Dianna Paula Salomão de Freitas
UNIPAMPA



Prof. Dra. Claudete da Silva Lima Martins
UNIPAMPA



Prof. Dra. Lúcia Maria Britto Corrêa
UNIPAMPA

AGRADECIMENTO

Agradeço aos meus pais. Minha mãe Márcia que sempre esteve ao meu lado me ajudando e incentivando em todos os momentos da minha vida; obrigada por todas as vezes que me animou e aconselhou durante a graduação e principalmente no período do TCC; obrigada por sempre acreditar em mim e usar as palavras certas quando achei que não conseguiria; obrigada por me consolar e por fazer de tudo para que eu chegasse até aqui. Meu pai Moisés, agradeço por se preocupar comigo, me aconselhar para que tudo saísse o melhor possível; obrigada pelo o apoio dado em todas as circunstâncias da minha vida, mas em especial neste últimos quatro anos de faculdade; obrigada pelos dias de folga que me deste para que eu pudesse me dedicar a este trabalho e por todo esforço que sempre fez pra me proporcionar o melhor. Se for agradecer por tudo que fazem por mim nem este trabalho inteiro seria suficiente. Obrigada mesmo, de coração.

Agradeço minha avó Jorani, pelas noites que não conseguiu dormir para que eu pudesse fazer os inúmeros trabalhos e atividades da faculdade, principalmente as noites em passou em que passou praticamente em claro para que eu pudesse finalizar o TCC.

Agradeço ao meu namorado Pablo por ter sido paciente e compreensivo nos momentos que precisei estar ausente; obrigada por seu apoio, por seu encorajamento e por me trazer alegrias nos momentos em que estava angustiada e preocupada; obrigada por todas as vezes que me aguentou falando do TCC e por sempre dizer que ia dar tudo certo.

Agradeço às minhas amigas Maéli, Thalyta, Rayssa e Lidiane pela força que sempre me deram; por terem me aturado quando surtava falando dos trabalhos da faculdade, em especial este último; obrigada pelo "vai dar tudo certo", "tu vai conseguir" que sempre pude ouvir de vocês; e obrigada por torcerem por mim e pelas minhas conquistas. Pela nossa amizade sei que nenhuma conquista é individual, mas como se fosse de todas.

Agradeço ao meu colega Willian que participou desde o início da elaboração desta proposta e acompanhou seu desenvolvimento tanto quanto eu. Obrigada por

ter me permitido acompanhar a elaboração do seu trabalho de conclusão; por ser companheiro nas orientações e por caminharmos quase juntos na construção de nossos TCCs.

Agradeço a todos os professores pelos quais passei desde o início até o fim da graduação, todos foram importantes para que eu chegasse até aqui. Em especial agradeço às professoras Claudete e Lúcia aceitarem avaliar este trabalho e contribuírem para seu desenvolvimento. Obrigada pelas sugestões que fizeram quando havia apenas o projeto. E faço mais um agradecimento a professora Lúcia por ter mediado meu contato com a professora Diana e indicado ela para orientadora desta proposta.

Não poderia deixar de agradecer à minha orientadora, professora Diana, por tudo que contribuiu para o desenvolvimento deste trabalho. Obrigada por acreditar em minha proposta desde o início e pelo empenho que dedicaste em todos os processos desta pesquisa. Agradeço por cada orientação, cada conselho, cada sugestão. O que aprendi da senhora levarei para toda a vida. Obrigada pelo bom humor e a forma alegre que sempre me trataste, estas atitudes faziam das orientações momentos muito agradáveis; obrigada por me ajudar a finalizar este trabalho e terminar mais uma etapa; obrigada pela força, quando parecia que não ia dar. Muito obrigado por todo o incentivo que de diversas formas me deste.

Por fim, quero agradecer a Deus por permitir todas as pessoas mencionadas existirem em minha vida. Agradeço a ele por me ajudar a chegar até aqui; por dirigir todos os passos de minha vida e me conceder mais uma conquista. Minha fé em Deus foi essencial em todo este processo, sei que sem ele eu não conseguiria.

“E tudo quanto fizerdes, fazei-o de coração, como ao Senhor e não aos homens”.

Colossenses 3:23

RESUMO

A docência é normalmente vista como um desafio, pois, nesta profissão somos responsáveis pelo aprendizado de outras pessoas. Muitos alunos em cursos de licenciatura apresentam dúvidas quanto a tornarem-se professores. O principal objetivo deste trabalho é compreender como exercer uma docência de qualidade. Para a pesquisa foram realizadas entrevistas individuais com professoras da educação básica e alunas de licenciaturas. Além de conhecer diferentes opiniões sobre como exercer uma docência de qualidade foi possível ouvir destas profissionais e estudantes suas vivências em sala de aula e no processo de ensino aprendizagem. A união das informações coletadas promoveu um importante aprendizado quanto ao trabalho docente e contribuíram para a compreensão de distintas formas de exercer uma docência de qualidade. Constatei que não existe um único método para ensinar, mas existem requisitos essenciais para a prática de uma docência de qualidade. Entre estes está o prazer na profissão o domínio do conteúdo e o reconhecimento de que sempre é possível ser melhor, mas para tais é preciso ser disponibilizado ao professor as condições mínimas necessárias para o ensino e aprendizagem.

Palavras-Chave: trabalho docente; docência de qualidade; formas de ensinar.

ABSTRACT

Teaching is usually seen as a challenge, because in this profession we are responsible for the process of learning of other people. Many students in undergraduate courses have doubts about becoming teachers. I wanted to know the experiences of other graduates and teachers and based on these experiences; understand what is needed to practice good teaching. Based on it, this work has as its main objective; understand how to exercise a teaching of quality. For the research, individual interviews were conducted with teachers of basic education and undergraduate students. In addition to knowing different opinions about how to practice teaching of quality, it was possible to hear from these professionals and students their experiences in the classroom, as well as in the teaching and learning process. The union of the collected information promoted an important learning about the teaching work and contributed to the understanding of different ways to practice teaching with quality.

Keywords: Teaching work; Quality teaching; Ways of teaching.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	METODOLOGIA.....	11
2.1	O porquê de uma pesquisa qualitativa.....	11
2.2.1	Instrumentos para produção dos dados da pesquisa.....	12
2.2.2	Sujeitos da pesquisa.....	13
2.3	Análise dos Resultados.....	16
3	DISCUSSÃO E RESULTADOS.....	17
3.1	A profissão docente.....	17
3.1.1	Eu não quero ser professor.....	17
3.1.2	A desvalorização do professor.....	20
3.1.3	Reconhecimento individual do professor.....	23
3.1.4	Por que ser professor?.....	25
3.2	Uma docência de qualidade.....	30
3.2.1	Qualidade é bom?.....	32
3.2.2	Qualidade e competência.....	34
3.2.3	Exercendo uma docência de qualidade.....	36
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
	REFERÊNCIAS.....	46
	Apêndice 1 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	48
	Apêndice 2 - ROTEIRO PARA ENTREVISTA SEMI ESTRUTURADA.....	49
	Apêndice 3 - TABELAS COM ORGANIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS, DISTRIBUIDAS SEGUNDO AS PERGUNTAS FEITAS ÀS PROFESSORAS E ÀS LICENCIANDAS.....	54

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho de conclusão de curso possui como tema a constituição docente e os processos necessários para exercer uma docência de qualidade. A pesquisa tem base nas seguintes questões: tendo finalizado uma Licenciatura, como e quando se sabe que o professor está apto para a docência? Quais esforços são necessários para exercer uma docência de qualidade? A problemática trazida neste trabalho é: existe um único método para ensinar com qualidade?

Acredito na relevância desta temática por abordar dúvidas pertinentes e frequentes entre licenciandos, como eu. Quando entrei na Universidade Federal do Pampa (Unipampa) não pretendia ser professora, acreditava que não possuía vocação ou aquilo que seria necessário para ser uma boa profissional nesta área. Não possuía dificuldade para aprender, mas quando explicava a outra pessoa, não conseguia me fazer clara e esta não podia entender.

Este pensamento mudou durante o período de graduação. Com a minha entrada no PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência), subprojeto Letras e na experiência de estágio, passei a aceitar e cultivar a ideia de assumir a docência. Contudo, entrar em sala de aula, ter domínio sobre a turma, conseguir produzir algum tipo de conhecimento, pareciam coisas impossíveis. O que me surpreendeu foi que gostei e, apesar de meus temores e dificuldades, tinha vontade de voltar. Minha expectativa era a possibilidade de melhorar tentando fazer tudo diferente. Uma dúvida, no entanto, permanece e me deixa insegura diante de tal decisão, sei que não apenas a mim, mas mesmo entre os mais decididos a seguir esta profissão, existe a questão: será que serei um bom professor?

O principal **objetivo** deste trabalho foi **compreender como exercer uma docência de qualidade** e para tal apresento os seguintes objetivos específicos: a) realizar revisão bibliográfica de possíveis conceitos de uma docência com qualidade; b) conhecer experiências de diferentes professoras no período de formação e no exercício da docência; c) ouvir de professoras da educação básica e de licenciandas o que compreendem por uma docência de qualidade; e d) compreender alguns dos esforços necessários para ser um professor de qualidade. O caminho utilizado para chegar a estes objetivos será relatado a seguir.

2 METODOLOGIA

Entendo por metodologia o conjunto de etapas utilizadas para alcançar um determinado fim e/ou propósito. Neste trabalho o objetivo foi compreender como exercer uma docência de qualidade, portanto primeiramente busquei obras de professores que pesquisaram sobre docência de qualidade, visando definir o conceito de **qualidade**.

Considero que esta é uma pesquisa de abordagem qualitativa do tipo exploratória (FERNANDES e GOMES, 2003, p. 6) cuja principal fonte para produção de dados foi entrevistas semi estruturadas. Após as entrevistas foi feita a análise dos resultados para qual me orientei no proposto por Roque Moraes e Maria do Carmo Galiazzi, no texto "Um Contínuo Ressurgir de Fênix: reconstruções discursivas compartilhadas na produção escrita", que é um dos capítulos do livro "Análise Textual Discursiva" (MORAES e GALIAZZI, 2007). Os motivos pelos quais optei por uma pesquisa de abordagem qualitativa e pelo referido método de análise esclarecerei a seguir, juntamente com o desenvolvimento de ambos.

2.1 O porquê de uma pesquisa qualitativa

O principal motivo pelo qual escolhi fazer uma pesquisa qualitativa se deu pelo tipo da investigação realizada. Ao mencionar, na introdução deste projeto, as questões: como e quando se sabe que um Licenciado está apto para a docência? Quais esforços são necessários para exercer uma docência de qualidade? - não procurava respostas prontas ou métodos para um ensino eficaz. De fato, diversas experiências e opiniões subjetivas contribuíram para esclarecer estes questionamentos. Segundo Bogdan e Biklen, no livro "Investigação Qualitativa em Educação" (1994), a pesquisa qualitativa não visa testar hipótese ou responder questionários, mas dá liberdade para que o sujeito possa expressar sua opinião livremente. Em suas palavras: "Os investigadores qualitativos estabelecem estratégias e procedimentos que lhes permitam tomar em consideração as experiências e o ponto de vista do informador." (BOGDAN, BIKLEN, 1994, p. 51).

Não busquei com a coleta de dados confirmar suposições ou conceitos pré estabelecidos. No processo desta investigação fui construindo o conhecimento

buscado, procedimento característico de uma pesquisa qualitativa conforme Bogdan e Biklen:

Os investigadores qualitativos tendem a analisar os seus dados de forma indutiva. Não recolhem dados ou provas com o objetivo de confirmar ou infirmar hipóteses construídas previamente; ao invés disso, as abstrações são construídas à medida que os dados particulares que foram recolhidos se vão agrupando, (IBIDEM, p 50)

A compreensão de como exercer uma docência de qualidade não se deu por meio de simples respostas, foi algo encontrado durante todo o período de trabalho; não é exatamente as respostas que importam, mas o que elas significam: "O significado é de importância vital na abordagem qualitativa." (IBIDEM, p 50)

Os autores de "Investigação Qualitativa em Educação" (IBIDEM) afirmam que em uma pesquisa qualitativa "os dados recolhidos são designados por qualitativos, o que significa ricos em pormenores descritivos relativamente a pessoas, locais e conversas, e de complexo tratamento estatístico." (IBIDEM, p16). Este método de pesquisa se encaixa ao proposto neste trabalho. Não foram os melhores métodos/didáticas e normas básicas para sala de aula que apareceram nos dados da investigação, mas a descrição de detalhes e de valiosas informações que continham aspectos constituintes para uma docência exercida com qualidade.

2.2 Desenvolvimento da pesquisa

De acordo com os autores já citados, "a investigação qualitativa em educação assume muitas formas e é conduzida em múltiplos contextos." (IBIDEM p. 16). Neste trabalho a produção de dados foi por meio de uma entrevista semi estruturada realizada com: duas professoras da educação básica e duas licenciandas, que denominarei sujeitos da pesquisa.

A entrevista semi estruturada foi desenvolvida de acordo com as técnicas propostas por Antônio Carlos Gil (2008) em "Métodos e Técnicas de pesquisa social".

2.2.1 Instrumentos para produção dos dados da pesquisa

A entrevista semi estruturada propõe a criação de questões norteadoras, porém não aplicada de forma rígida. As questões devem ser subjetivas e o entrevistador pode adaptá-las sempre que necessário. Seguindo a proposta de entrevista semi estruturada, elaborei um roteiro (Apêndice 2) com perguntas abrangentes para estabelecer um diálogo e não uma sequência de perguntas e respostas. Abaixo de cada pergunta listei tópicos como aspectos a serem contemplados nas respostas, eles também serviram de norteadores aos entrevistados.

Organizei o roteiro da entrevista de modo a realizar uma reflexão sobre as questões que embasam esta pesquisa. Os questionamentos propostos não possuem respostas rápidas e práticas, são perguntas subjetivas as quais dificilmente poderiam ser respondidas sem uma reflexão. Este foi o objetivo da presente pesquisa: gerar suposições e fazer refletir sobre como exercer uma docência de qualidade.

2.2.2 Sujeitos da pesquisa

A seleção das participantes ocorreu mediante o propósito de enxergar a docência de qualidade, por diferentes ângulos. O que conta não são apenas as opiniões destas pessoas, mas suas experiências. Ainda que, embasado em referenciais teóricos, este trabalho busca encontrar respostas a partir das práticas educativas realizadas pelas entrevistadas.

O número seletivo de escolhidas para as entrevistas se deu pelo pouco tempo de pesquisa para este trabalho. Como esta é uma pesquisa de abordagem qualitativa se fez necessário a análise aprofundada dos resultados, um número maior de participante dificultaria esta análise.

A participação das professoras é fundamental em uma pesquisa que visa compreender como exercer uma docência de qualidade. Para este trabalho foram entrevistadas duas professoras.

A primeira professora entrevistada é formada em Licenciatura em Ciências Sociais e Licenciatura em Estudos Sociais. Ela leciona há 31 anos, no momento da entrevista não estava trabalhando em sala de aula por motivos de saúde. A conheci quando tive a oportunidade de ser sua aluna na educação básica, ela foi minha

primeira professora de Geografia. Lembro que em um momento ela precisou se ausentar por problemas de saúde, semelhante a situação atual e, quando retornou, outra professora estava encarregada da disciplina de Geografia e ela passou ser minha professora de Sociologia e Filosofia. O motivo pelo qual pensei nela para este trabalho foi a maneira como exercia sua profissão. Ela sempre entrava em aula satisfeita por estar ali e pelo que fazia. Eu, como aluna, percebia que ela era professora por prazer e isso se refletia no seu trabalho. Possuía um bom relacionamento com os alunos. Era bastante calma, gostava de conversar e explicava de forma clara as matérias. Para mim e para a maioria de meus colegas ela marcou como um exemplo de boa professora. Por ser professora há vários anos e dedicada à profissão, considere importante sua participação nesta pesquisa. Como optei por não citar os nomes das entrevistadas, na sequência deste trabalho, me refiro à docente como "a professora de Geografia" ou pela abreviatura "PG". Apesar de no fim de minha trajetória na educação básica ela lecionar Sociologia e Filosofia, sempre a vi como professora de Geografia.

A segunda professora entrevistada é formada em Letras Português e Literatura há aproximadamente um ano e meio. Atualmente ela leciona como professora de Língua Portuguesa e Literatura e está fazendo Pós-graduação em currículo na formação. A escolhi pois pude conhecer seu trabalho como docente ao ser sua colega no PIBID (Programa Institucional de Iniciação a docência). Sempre a vi dedicada a tudo que fazia. Ela possuía habilidade para tratar com os alunos e para realizar qualquer atividade em sala de aula. Parecia ter nascido para ser professora, por ela ter contato com a educação desde pequena, pois é filha de professora. Ela parece ter todas as características para a profissão docente. Pensei que sua opinião sobre uma docência exercida com qualidade, bem como suas experiências, tanto como recém formada em uma licenciatura, tanto como professora, seriam relevantes para este trabalho. No decorrer da pesquisa ela é mencionada como "a professora de Língua Portuguesa" ou como "PLP".

Considere relevante escolher para as entrevistas uma professora no início de carreira e outra com maior tempo de experiência. Por meio do diálogo com estas profissionais busquei conhecer um pouco de suas trajetórias até exercerem a docência, bem como suas trajetórias na docência.

Em relação às licenciandas, minha intenção não foi apenas ouvir suas opiniões de alunas. Quis escutá-las como graduandas em um curso de formação para professores. Partindo de minha própria experiência quis ouvir de estudantes de licenciatura da UNIPAMPA – Campus Bagé o processo pelo qual passaram para escolha do curso e suas experiências na graduação

Durante todo o processo de formação minha opinião sobre ser professor, ensinar, entrar em uma sala de aula, sofreu grandes alterações. Quis conhecer como foi este processo para outras pessoas. Para isso realizei entrevistas com duas licenciandas das áreas de Física e Música, ambas ingressaram na Universidade no ano de 2013 como eu.

A discente de Física foi minha colega na educação básica. Escolhi ela para esta pesquisa, pois em um diálogo que tivemos no ensino médio ela mencionou que gostaria de cursar bacharel em Física. Posteriormente soube que ela cursava Licenciatura em Física na Unipampa. Pensei ser interessante ter sua participação visto que ela, como eu, não pretendia ser professora, mas acabou em um curso de licenciatura. Quis saber se ela havia mudado de opinião sobre ser professora e o que teria a dizer sobre a profissão docente depois deste período na graduação. Neste trabalho ela será chamada como "a licencianda de Física" ou pelas iniciais "LF".

A aluna de música eu a conheço há bastante tempo. Sei de seu envolvimento com a área da música dentro e fora da Universidade. Ela já trabalhou com adolescentes, crianças e parece ter habilidade para trabalhar com este público. Por ser de uma área diferente, com características bem específicas, por já ter dito diferentes experiências como professora, quis saber sua opinião sobre a docência, não sabia se ela de fato tinha se encontrado na profissão e pretendia seguir em frente. Por tudo que já desenvolveu acredito que sua participação nesta pesquisa será de muita relevância. No decorrer da pesquisa ela será mencionada como "a licencianda em Música" ou "LM".

Após entrar em contato com os sujeitos da pesquisa, marcamos uma data para a entrevista individual. Esta, como já mencionado, foi conduzida em forma de diálogo com questões norteadoras. Todas as entrevistas foram registradas por meio de gravação, exceção da entrevista com a professora de Geografia que, por um imprevisto, foi registrada por meio de anotações. Antes de registrar, pedi autorização

das participantes, de acordo com termo de consentimento livre esclarecido, apresentado no Apêndice 1, deste TCC.

2.3 Análise dos Resultados

Por sugestão de minha orientadora, a análise das entrevistas foi feita de acordo com o proposto pelos professores Roque Moraes e Maria do Carmo Galiazzi, no texto "Um Contínuo Ressurgir de Fênix: reconstruções discursivas compartilhadas na produção escrita", um dos capítulos do livro "Análise Textual Discursiva" (MORAES e GALIAZZI, 2007), como já foi mencionado. Seu método se mostra eficiente por facilitar a análise dos resultados e reflexão sobre estes.

Os referidos autores propõem que as informações sejam organizadas, a partir das etapas: unitarização das informações produzidas, retiradas e agrupamento de termos semelhantes e categorização. Assim, ao recriar a metodologia descrita por Moraes e Galiazzi (IBIDEM), organizei duas tabelas nas quais distribuí as perguntas feitas às professoras e às licenciandas. Depois transcrevi as respostas obtidas nas entrevistas, utilizando duas tabelas (Apêndice 3). Colocada cada resposta em sua respectiva questão, comecei a analisar os termos que se repetiam nas palavras das entrevistadas. Percebi que se destacavam seis categorias. Destas, selecionei três que pude relacionar com o objetivo principal da pesquisa, a fim de compreender como exercer uma docência de qualidade. Selecionadas as categorias, passei a destacar nas tabelas as respostas que se enquadravam nas categorias escolhidas, separando-as. A partir da análise e união dessas categorias foi organizado o tópico e subtópicos a seguir.

3 DISCUSSÃO E RESULTADOS

Nos resultados obtidos por meio das quatro entrevistas realizadas para desenvolvimento deste trabalho destacaram-se como categorias: a) a escolha por seguir a profissão docente; b) a influência da família no processo da educação; c) relacionamento com a educação durante a infância e a adolescência; d) a desvalorização docente; e) a situação atual do professor no Brasil e f) o que seria necessário para exercer uma docência de qualidade. Destas categorias serão aprofundadas e desenvolvidas a seguir: a) a escolha pela docência; d) a desvalorização docente, e f) o que seria necessário para se exercer uma docência de qualidade.

3.1 A profissão docente

Já mencionei anteriormente que o objetivo deste trabalho é compreender como exercer uma docência de qualidade. No entanto após a realização das entrevistas e a leitura da obra "Como nos tornamos professoras?", de Roseli A. Cação Fontana (2005), considerei pertinente conduzir esta pesquisa pelo trajeto mais longo, analisando desde a decisão de se tornar professor até finalmente ao exercício de uma docência de qualidade.

3.1.1 Eu não quero ser professor

"[...] não raramente o estudante de licenciatura chega à universidade sem clareza sobre atuação profissional na carreira docente" este trecho foi retirado da tese de doutorado de minha orientadora Diana Salomão Freitas (SALOMÃO DE FREITAS, 2015, p.73). Como ela, pude constatar por minha experiência e pelas entrevistas realizadas para esta pesquisa quão comum são pessoas ingressarem em um curso de magistério ou em uma licenciatura sem a pretensão de se tornarem professores. A busca é por uma formação, uma experiência, um diploma. Talvez estejam ali pela ausência de outras opções aparentemente possíveis. Atrevo-me a dizer que se na Unipampa - campus Bagé tivesse bacharéis para os cursos em que há licenciatura grande parte dos alunos optaria pelo bacharel. Como demonstram as afirmações a seguir:

Entre as minhas opções o que eu mais queria era licenciatura em Física, porque gostava muito de física desde o ensino médio [...] mas porque eu queria na verdade era bacharelado [...] eu também não tinha nenhuma vontade em ser professora [...] eu não queria mesmo ser professora. (LF)

[...] acabei escolhendo música meio que por impulso de ser aquilo que eu gostava, mas a música em si, não a licenciatura [...] minha opção para a área da música era bacharel no instrumento [...] No início era meu lema: eu jamais vou entrar dentro de uma sala de aula pra ensinar, não vou ensinar, não quero ensinar. (LM)

Como nos relatos anteriormente apresentados, era o meu pensamento quanto a ser professora, quando ingressei na universidade. A procura era Física, Letras e Música e não ser um professor em quaisquer dessas áreas. Há uma aversão quanto a ser professor. Esta aversão por exercer a docência não é rara nos dias atuais, como também constatou minha orientadora. Tive colegas com o mesmo pensamento e conheci a experiência de licenciandos sem aversão à docência, mas que também não almejavam seguir a profissão docente. As palavras a seguir, da professora formada há um ano e meio em Letras na Unipampa, são um exemplo deste último grupo de alunos.

[...] Eu gostava. Dava aula para os filhos dos vizinhos, dava aula pras bonecas, pro cachorro, eu dava aula pra todo mundo, mas achava fazia por diversão que nunca ia fazer disso uma profissão [...] Meu primeiro semestre na faculdade de Letras eu ainda fiz as duas faculdades juntas (PLP).

Mas por que as pessoas que não desejam ser professores decidem cursar uma Licenciatura?

De acordo com o resultado apresentado nas entrevistas, as razões para que muitos ingressem em uma licenciatura sem querer a profissão docente está ligada com as suposições presentes no início deste tópico (uma formação, uma experiência, um diploma, a ausência de outras opções aparentemente possíveis):

[...] O que foi determinante foi a proximidade, o fato de eu não querer sair de Bagé e ter o curso aqui. Foi mais que meio por comodidade assim, mas mais porque eu gosto de reclusão também" (LF).

[...] O fato da escolha por licenciatura em Música foi o nível de oportunidade que a gente tinha aqui, é o que tinha (LM).

[...] Quando veio a Universidade pública, por motivação financeira e por não estar feliz com que estava fazendo, fiz o Enem. Escolhi um curso noturno, pois, trabalhava de dia e um curso que não fosse na área das exatas (PLP).

Em análise aos relatos acima se deve considerar o contexto em que estão inseridas estas entrevistadas. A cidade de Bagé possui duas universidades públicas, a Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) e a Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS), com ofertas de cursos bastante limitadas, são engenharias e licenciaturas. Se o aluno não quer engenharia só resta a licenciatura. Ou seja, seria "a ausência de outras opções aparentemente possíveis", mencionada anteriormente. Outras alternativas seriam as universidades privadas ou cursar faculdade em outra cidade, o quê por vezes se mostra inviável pela questão financeira.

Apesar de não ser pequeno o número de alunos que acabam em uma licenciatura sem a intenção de ser professor, um fato chama a atenção: um número também considerável destes universitários durante o período de graduação acaba se encontrando na profissão docente. Obviamente existem os casos em que os graduandos, pela experiência na licenciatura, decidem, após formados, ou antes disso, que definitivamente não querem ser professores. Mas me deterei ao primeiro grupo tendo, como exemplo minha experiência e os resultados da pesquisa.

[...] mas acabei ficando na licenciatura e acabei gostando e eu percebi que eu não precisava ficar só no bacharelado. Que a licenciatura ia me dar uma leque muito maior de opções [...] também porque eu gostei assim da parte de dar aula e tal... E acabei me encontrando um pouco mais (LF).

[...] Ao longo do curso, segundo semestre, tu já vai ampliando mais a tua mente para as coisas. Aos poucos eu fui me descobrindo ali. [...] quando tu vive aquilo, despertar em ti aquele interesse pela arte de ensinar ai tu acaba optando por aquilo (LM).

[...] Fui perceber que realmente amava isso à medida que fui fazendo a faculdade. [...] Tive certeza que realmente queria ser professora após o primeiro estágio. Tive certeza que nunca mais queria sair da sala de aula (PLP).

Os trechos das entrevistas, anteriormente escritos, comparados aos primeiros trechos presentes no início deste tópico, mostram a mudança ocorrida nas alunas sobre o fato de lecionar. É interessante pensar no processo ocorrido nos cursos de licenciatura que resultaram nessa alteração de pensamento. No entanto neste trabalho não irei desenvolver este ponto, pois quero destacar outra questão: Por quais razões a profissão professor é tão pouco escolhida pelas pessoas mesmo com a grande possibilidade de elas se encontrarem nela? Não é difícil imaginar respostas para esta pergunta. No tópico a seguir discorrerei sobre esta interrogação.

3.1.2 A desvalorização do professor

A situação atual da profissão docente no Brasil apareceu de diferentes formas nas entrevistas. A desvalorização do professor foi colocada pelas licenciandas como suas principais razões para não seguir a docência. A pergunta era quais os motivos para não cursar licenciatura, ser professor. E as respostas foram:

[...] A situação do professor no Brasil é bem ruim hoje. A gente tem um quadro que não é muito favorável, então eu não queria mesmo ser professora [...] (LF).

Porque eu acho que essa é uma profissão muito desvalorizada. [...] Ela é só desvalorizada e no fim tu nem sabe se não é o que tu queria (LM).

Para as duas jovens a precarização da docência foi a principal causa de manter tão distante o desejo de ser professor. Essas palavras já respondem a interrogação feita no fim do último tópico "Por quais razões a profissão professor é tão pouco escolhida pelas pessoas mesmo com a possibilidade de se encontrarem nela?". A licencianda em Música ainda complementa dizendo "no fim tu nem sabe se não é o que tu queria.". Ou seja, a aversão à docência, por conta desta desvalorização, acaba por afastar da profissão pessoas que poderiam gostar dela.

A professora de Língua Portuguesa e Literatura entrevistada, aponta a desvalorização à docência como a causa de tão poucas pessoas pensarem em ser professor. Em outras palavras, elas afirmam que se não houver mudanças chegará um momento em que ninguém desejará a profissão docente.

[...] Hoje enquanto professora do estado vejo que cada vez mais nós estamos entrando em uma raça em extinção. Salários

parcelados, desvalorização, pouco apoio da família. Ser professor hoje é um ato de carinho, amor pela profissão. Ninguém mais faz isso por dinheiro. A profissão de professor vai chegar a um momento em que se ela não for valorizada, vai entrar em extinção (PLP).

A outra professora entrevistada colocou a falta de apoio dada aos professores como uma das barreiras da profissão. "*As mudanças políticas governamentais se tornam muitas vezes um obstáculo e as famílias, que não dão o apoio que antes davam [...]*" (PG).

A última professora não menciona o desinteresse pela profissão, mas cita algo importante, a falta de reconhecimento por parte do Estado, com medidas que dificultam e promovem a precarização da docência e a falta de apoio das famílias. Esses dois aspectos, em outras palavras, também foram lembrados pela professora de Língua Portuguesa "*Salários parcelados, desvalorização, pouco apoio da família*". A precarização da profissão docente principalmente causada por medidas do governo não é algo atual, mas vem acontecendo desde a democratização da educação.

Com a democratização ao acesso à educação, a profissão sofreu um processo crescente de desprestígio, repercutindo nos índices de remuneração e com fortes mecanismos de controle sobre o exercício profissional. (CUNHA, 2007 apud MELLO, 2010, p. 58)

A pesquisa feita pela professora Elena Billig Mello, com relação à profissão docente no RS, de 1996 à 2006, mostram que os problemas existentes entre os professores e o estado do Rio Grande do Sul também não ocorrem apenas nos dias atuais, mas permanecem há alguns anos.

A cada ano letivo que inicia, novos receios "pairam no ar", tanto entre professores e gestores, quanto na comunidade escolar externa, pois mudanças são feitas sem maiores conhecimentos da própria comunidade. Assim sendo, um clima de insegurança e incerteza se instala. [...] O clima, nos últimos anos, não tem sido propício ao diálogo franco, participativo e democrático entre governo estadual do RS e a categoria de professores. (MELLO, 2010, p.16).

Infelizmente a precarização docente não ocorre apenas no Brasil. Uma pesquisa feita por Rosalinda Medeiro e Ana Maria Silva com professores de Portugal mostra que muitos se sentem sobrecarregados com a docência.

Os professores sofrem os efeitos da pressão política e das novas exigências, podendo atravessar uma crise de identidade profissional. Cada vez mais os docentes se sentem sobrecarregados de trabalho, experienciando vivências profissionais, de reconhecimento ou não reconhecimento do seu trabalho que marcam positiva ou negativamente o seu desenvolvimento profissional. (HERDEIRO e SILVA, 2014, p. 240)

Quando digo que estes problemas não são atuais e exclusivos no Brasil não quero justificá-los. Mas contar que a profissão tem sofrido decadência em diversos lugares e ao longo dos anos (HERDEIRO e SILVA, 2014) e, ao invés de serem extintos estes problemas em uma política de valorização e incentivo à docência, tem ocorrido o contrário. Desde o ano de 2015 com maior intensidade tem acontecido um corte de verbas para educação, parcelamento dos salários, como citou a entrevistada, e novas mudanças que impossibilitam a perspectiva de melhoras. (SALOMÃO DE FREITAS e MELLO, 2016) Não citarei maiores detalhes, pois as decisões políticas quanto a educação não são o tema central deste trabalho. Achei pertinente citá-las visto sua influência sobre a profissão docente, que é analisada nesta pesquisa.

O outro aspecto destacado pelas duas professoras entrevistadas, como a falta de apoio por parte das famílias, revela uma ausência de reconhecimento com a profissão docente.

[...] pouco apoio da família. Aqueles casos em que tu chama um pai, uma mãe e eles acham que o filho tem razão, que não o professor tem razão. Se bobear ainda te xingam (PLP).

[...] as famílias, que não dão o apoio que antes davam, não veem a escola como uma aliada, mas como uma cobrança (PG).

Nas palavras de PLP identifico a perda do respeito pelo professor e sua opinião. O trabalho do docente e seu procedimento é muitas vezes questionado, em não poucas situações a voz do aluno é mais ouvida que a do professor, não que ele esteja sempre certo, o problema é hoje ele ser visto pelos pais como sempre errado. Já nas palavras de PG identifico uma perda de confiança na escola. Não veem as propostas da instituição para ajudar, melhorar o rendimento do aluno, mas são vistas como um incômodo, uma exigência desnecessária. Este olhar de desconfiança para a escola repercute sobre o professor e a profissão docente como um todo.

As palavras de PG chamam a atenção para outro quesito. Quando diz "[...] *não dão o apoio que antes davam*", mostra que diferente dos problemas entre a profissão docente e o governo, a falta de apoio pelas famílias é um problema contemporâneo. O trecho seguir, da entrevista com a professora de Geografia, que leciona há 31 anos comprova. Quando perguntei como ela percebia a valorização do professor pelas pessoas e instituições na sua infância e adolescência, obtive como resposta: "*Ser professor na época era status. As famílias tinham essa visão. Professor era visto como um grande agente contribuinte do processo de educação*" (PG).

A existência desta valorização, na época, pode ter sido um incentivo para que houvessem pessoas interessadas pela docência ou o contrário disto. A ausência desta valorização nos dias atuais promove o desinteresse pela a profissão docente. Pude chegar a este pensamento por PG ser a única das entrevistadas que afirmou querer a profissão docente desde a infância. As outras cresceram em um contexto mais recente e, quando entraram na universidade, a desvalorização era crescente, como colocou a professora de Geografia: "*Gostava de ir para escola e até juntava toquinhos de giz para dar aula em casa para meu irmão. Dizia que ia ser professora*" (PG).

Atualmente, quando uma criança diz querer seguir a profissão docente acaba sendo desincentivada e esse desincentivo parte, às vezes, dos próprios professores. Até o momento falei da desvalorização social da docência, mas infelizmente os próprios professores acabam desvalorizando sua profissão como discorrerei a seguir.

3.1.3 Reconhecimento individual do professor

Iniciarei este subtópico transcrevendo um trecho da entrevista feita com a licencianda de Música:

[...] e as pessoas crescem com essa visão medíocre e pequena porque tu aprende desde pequena. 'Doutor, Advogado é uma baita profissão', agora professor? O próprio professor fica dizendo. 'Porque o professor não recebe direito, porque o professor só se incomoda com os alunos, não ganha pra o que ele tem que ouvir e levar'. Tu precisa vivenciar como aconteceu comigo. Entrar pra dentro de uma licenciatura, pra lá descobrir que não é bem assim Que existe um outro lado da profissão. [...]

Eu achava que era terrível, pois só via os professores falando mal (LM).

Nas primeiras linhas a entrevistada fala sobre crescer ouvindo discursos que desprestigiam a docência vindo as vezes dos próprios professores. Segundo ela, em minhas palavras, isto gera um pensamento de que ser professor é horrível e diminui o número de interessados na profissão. E este fato é real. Crianças brincarem de escola, de ser professor e pensar em seguir essa profissão docente é bastante comum. Este tipo de brincadeira fez parte da infância de minhas entrevistadas, "[...] até juntava toquinhos de giz para dar aula em casa para meu irmão. Dizia que ia ser professora." (PG); "dava aula para os filhos dos vizinhos, dava aula pras bonecas, pro cachorro [...]" (PLP). Isso também fez parte da infância da professora Roseli Fontana (2005), segundo o relato transcrito em seu livro, já mencionado, "Como nos tornamos professoras?": "Brinquei sempre de escolinha. Adorava ensinar" (FONTANA, 2005, p.108) e esteve na minha infância. Eu quis ser professora quando criança. A maioria das minhas amigas também, mas eu desisti por ouvir de professoras que a profissão docente envolve muito tempo e trabalho.

De fato professores que reclamam da docência não falam o irreal. O trabalho docente muitas vezes sobrecarrega e exige que o profissional esteja envolvido mesmo fora da escola. Por serem desvalorizados e sobrecarregados os professores acabam ressaltando o lado negativo da profissão. Mas é preciso ter cuidado, professores que reclamam para os alunos os problemas de ser professor podem trazer uma influência negativa para aqueles que pretendem seguir a docência. Esses discursos escutados desde a infância, e cotidianamente, podem sim desestimular quanto ao desejo de ser professor. A profissão docente se torna sinônimo de muito trabalho e pouco reconhecimento, o que acontece de fato. Mas esses aspectos sendo ressaltados, além de afastar possíveis professores da docência, acabam por fazer diminuir o número de profissionais docentes. Como afirma o relato da entrevistada, são muito ressaltados os pontos ruins, colocado como uma profissão inferior, quando comparada a outras, o que, por fim, acaba por impedir que se conheça a atividade docente. Acaba por afetar os próprios professores. A desvalorização não é apenas social, o professor também precisa reconhecer e valorizar o seu trabalho. A profissão docente é muito importante e é necessário que também se propaguem seus pontos positivos.

Faço analogia com as palavras de Franzoi (2006, p. 20) para definir a **profissão docente**, em que também a concebo como sendo o processo resultante da articulação do conhecimento do professor, no que se vale para desempenhar suas atividades educativo-pedagógicas, e o *reconhecimento individual e social* da importância do seu papel (MELLO, 2010, p. 58).

Que não seja preciso entrar em uma licenciatura, ter uma experiência como professor para conhecer outro lado da docência. E ao professor cabe ter convicção da relevância do seu trabalho. É importante que ocorram mudanças e que a profissão docente no Brasil possa ser reconhecida e valorizada, mas enquanto isso não acontece é essencial que o profissional docente saiba estimar o que faz e assim servir de inspiração para futuros professores.

E qual seria este outro lado da docência? O que fez com as entrevistadas e tantos outros licenciandos decidirem-se pela profissão docente? Estas questões serão desenvolvidas a seguir.

3.1.4 Por que ser professor?

Depois de analisar alguns aspectos negativos da docência é pertinente abordar os pontos positivos da profissão. Nas entrevistas, professoras e licenciandas comentaram os motivos pelo quais decidiram-se pela docência. Começarei com as palavras da licencianda em Física:

[...] na Unipampa, o curso de licenciatura em Física é bem aprofundado nas cadeiras específicas. Depois de eu conseguir um mestrado em uma área teórica, não ia ser tão difícil. Eu poderia conseguir um bacharel também, depois de eu me formar. Isso me fez continuar no curso e também porque eu gostei assim da parte de dar aula e tal e acabei me encontrando um pouco mais (LF).

Depois de afirmar que gostou do curso, devido a profundidade das cadeiras específicas e das amplas opções que teria com o conhecimento adquirido na licenciatura, ela também afirmou "eu gostei assim da parte de dar aula" e esta foi a razão de ter se encontrado ainda mais no curso. Dar uma aula envolve uma série de etapas desde a organização, pesquisas, estudo, criação de planos de aula, até o estar em frente aos alunos, com o objetivo de desenvolver o que foi planejado. Todas estas etapas ou a etapa

final de ministrar a aula, de fato podem se mostrar atividades agradáveis e prazerosas. Foi o que aconteceu à aluna entrevistada, ela não queria de forma alguma ser professora devido aos problemas que envolvem a docência, "[...] *eu não conseguia falar muito bem em público, ai eu pensei que isso ia me prejudicar na hora que fosse ser professora e porque eu também não tinha nenhuma vontade em ser professora. A situação do professor no Brasil é bem ruim.*", mas quando conheceu e experimentou a prática de dar aula se identificou com o ofício. Mas esta não foi a única razão pela qual a licenciada optou pela docência. Ela percebeu que na área da física era provável que se tornasse professora ainda que em um curso superior.

[...] eu percebi que na área da física hoje tu vai acabar dando aula, mesmo que seja só na Universidade. Eu percebi que eu precisava ter uma base de como dar aula porque eu ia ter que dar aula na universidade de qualquer jeito, mesmo se eu fizesse bacharelado. Então eu percebi que tendo essa dificuldade eu ia ter que sanar ela em algum momento se, eu gostasse de física e quisesse ficar nessa área (LF).

As palavras da entrevistada também justificam sua permanência no curso. Ela se realizou na área da física, gostou de dar aulas, viu que na física a probabilidade era acabar na docência, acatou a ideia de ser professor e percebendo que teria dificuldades para falar em público e precisava de uma base para ensinar, viu na licenciatura a possibilidade de sanar a dificuldade e desenvolver a parte de didática.

Depois de mudar sua opinião quanto a ser professora, a desvalorização docente e os problemas na educação deixaram de ser um empecilho para a licencianda. Ela entende que sendo professora é importante lutar por seus direitos e pela educação. Sua visão sobre a profissão docente vai além de todos os desafios que nela são encarados, ela enxerga na docência uma profissão nobre e de muita importância.

Hoje eu quero ser professora porque eu acho que professor é meio que uma missão, mais social assim. Uma coisa que o Brasil ta precisando, e a educação do Brasil é uma coisa que a gente tem que lutar por ela e reivindicar por ela. [...] Muitas escolas estão sem verba pra muita coisa e eu acho que, ser professor, não que seja um dom, mas é uma profissão importante; diria que é uma das profissões mais importantes, porque é aquela que forma os outros profissionais (LF).

As outras entrevistadas mostraram um posicionamento comum ao colocaram a aprendizagem dos alunos como razão pela qual se realizam na docência. Na verdade os alunos são o principal na profissão docente. O professor acaba lidando com situações adversas como falta de recursos, carga horária excessiva, estresse por toda a rotina da docência, que continua mesmo após sair da escola. Mas o aprendizado do aluno, principalmente àqueles que tem prazer por ensinar, se mostra como um resultado positivo por todo trabalho, como traz o trecho abaixo, que retrata um fato após a realização de uma pesquisa com professores Portugêses:

De uma forma geral, na sala de aula, os professores vivem momentos de realização profissional fortalecendo a sua autoestima e imagem positiva do seu desempenho docente, o que influencia a construção permanente da sua identidade e estimula o profissionalismo [...]. (HERDEIRO, SILVA, 2014, p. 245)

Sei que mesmo em sala de aula há momentos complexos e desgastantes. No entanto, é neste ambiente que tem a prática da docência, por minha experiência nos estágios e no PIBID e, pelos relatos das entrevistas que mencionarei a seguir, digo que os maiores incentivos para o professor são o desenvolvimento e progresso dos alunos.

A primeira professora que entrevistei, minha ex professora de Geografia, não falou diretamente dos alunos. Ao perguntar sobre quando ela decidiu ser professora a resposta foi "*Quando percebi que gostava de trabalhar com pessoas*". Trabalhar com pessoas não necessariamente significa trabalhar em uma sala de aula na função de um professor, mas então ela fala sobre o momento em que teve certeza que queria seguir a profissão "[...] *Tive certeza quando fiz teste para o banco, passei e não gostei. Fiz magistério, tentei seguir em outra área, mas acabei voltando pra docência, pois percebi que era isso que gostava*". O serviço no banco a possibilitaria trabalhar com pessoas, já que ela mencionou que lidaria com o público, mas, tendo tido uma experiência como professora no magistério, o trabalho em outra área, ainda que fosse com pessoas, não agradou. O que ela buscava havia encontrado na relação professor aluno e como confirmam suas palavras abaixo ela se realizou na profissão. "[...] *Imagino que meus alunos me veem como uma professora que gosta do que faz, entra em sala com prazer. [...] Vejo a profissão [de] professor como uma benção, a gente recebe mais do que dá*" (PG).

A experiência da professora de Língua Portuguesa se relaciona com a experiência da professora de Geografia, visto que ela trabalhou em outros locais e tentou ir para outra

área. "[...] Antes eu trabalhava, mas trabalhava por necessidade. Não me sentia realizada". A outra faculdade que começou também não agradou. "[...] e eu procurei um curso que havia aqui, acabei entrando no curso de Direito. Quando veio a Universidade pública, por motivação financeira e por não estar feliz com o que estava fazendo, fiz o Enem" (PLP).

Bastou a experiência em sala de aula para que a professora se encontrasse na docência: "[...] Tive certeza que realmente queria ser professora após o primeiro estágio. Tive certeza que nunca mais queria sair da sala de aula." (IBIDEM).

As conquistas, o aprendizado e a retribuição dos estudantes são suas motivações na profissão, como trago a seguir:

[...] me motiva todo dia cada olhar, cada abraço, cada aluno, cada um que a gente vê se formar, cada um que depois a gente vê ali na frente que: 'ah! Eu consegui pegar meu diploma, consegui serviço', principalmente quando a gente trata com jovens e adultos em curso preparatório: 'professora eu passei no Enem', 'Professora o que a gente estudou caiu na prova'. Isso me deixa muito, muito feliz. Eu digo que eu recarrego a minha bateria e me sinto de repente um pouco mais jovem todos os dias depois que eu consigo conviver com eles (PLP).

O sucesso e a realização na docência, segundo a entrevistada, em grande parte se deve ao seu bom relacionamento com os alunos:

[...] sempre gostei do trato com adolescentes. Eu acho me dá mais prazer e talvez um pouco mais de sucesso no que eu faço porque a gente consegue se conectar muito bem eu e os meus alunos como um todo e eu consigo perceber essa experiência, essa troca esse carinho e eles confiam demais em mim, são muito confidentes a mim. Trabalhar com esse público foi umas das coisas que fez com que eu me achasse (PLP).

E quando perguntei o que significava pra ela ser professor a resposta foi:

Realização eu acho. Eu gosto muito disso. [...] Eu nem sabia que eu dava pra isso eu me experimentei e me achei de uma forma tal que eu tô muito feliz, muito honrada de ter conseguido, chegar lá. (...)Abro os olhos e agradeço a Deus todos os dias que eu to fazendo uma coisa que eu gosto (PLP).

A licencianda em Música, depois da prática de ensinar, não precisou experimentar outra função para ter certeza que havia se encontrado na profissão:

[...] me colocaram com o meu instrumento ali dentro e colocaram dez alunos pra eu ensinar. Como meus alunos eu tinha que ensinar tanto a prática musical como a teoria, porque era em um projeto social. Tinha um professor de cada instrumento e cada professor se vira pra explicar tudo que é necessário pra ele tocar aquele instrumento. Eu tive que ensinar e os alunos começaram a evoluir mais rápido que os outros alunos e eu tive que assumir a aula de teoria pra todos os alunos do projeto e foi ai que eu descobri que ensinar é legal. Eu já estava na licenciatura, mas só descobri que eu amava isso de ensinar quando me deram alunos e ai eu amei (LM).

O que mais incentivou a entrevistada foi perceber o desenvolvimento dos alunos por meio de sua metodologia de ensino aprendizagem:

[...] tive mais oportunidades de ensinar, tanto musicalização, quanto outras áreas dentro da música. Eu sempre gostava e o resultado era sempre positivo na maneira que os alunos se desenvolviam. Eu descobri uma didática pra ensinar, eu descobri que eu tinha facilidade pra explicar, que a pessoa conseguia compreender o que eu queria e a pessoa conseguia se desenvolver (LM).

Semelhante a professora de Língua Portuguesa a licencianda menciona os benefícios que a profissão lhe traz:

[...] Eu me sinto mais completa sendo professora, muda completamente a minha forma de ver as coisas eu me sinto bem. Tu vive em torno daquilo, isso se torna esgotante e cansativo às vezes, mas dentro da sala de aula, naquele momento ali tu consegue anular qualquer outra coisa. Ao invés de sair cansada eu me sinto mais leve (LM).

Sobre ser professora hoje ela diz:

[...] Se tu pensar racionalmente tu não vai escolher. Mas quando tu vive aquilo, desperta em ti aquele interesse pela arte de ensinar, ai tu acaba optando por aquilo. “É, eu não me vejo em outra área, não me vejo em outra profissão mesmo com todas as dificuldades que a área tem” (LM).

Com esses relatos acredito que pude mostrar os pontos positivos da profissão docente e fazer compreender porque apesar de todas as dificuldades, como citou a última entrevistada, ainda existem pessoas que amam a profissão docente.

As sequências dos tópicos assemelham-se ao processo pelo qual passei no período da graduação. No início havia aversão pela docência, até de fato experimentá-la e conhecer o prazer de ensinar. Porém junto com o apreço pela profissão vieram as inseguranças, medos e incertezas. Me deparei com os problemas de falta de didática e dificuldade para ter uma postura em frente à sala de aula. A partir deste momento desejei saber o como se exerce uma docência de qualidade, que originou este trabalho e sobre o que falarei no tópico abaixo.

3.2 Uma docência de qualidade

Ser professor envolve diferentes funções e atividades.

Como mostram todos os estudos particularizados da vida escolar, a realidade cotidiana do ensino é um amálgama improvisado de uma extensa gama de atividades. Em certa medida, isso provavelmente vale para todas as profissões, mas no ensino trata-se de um fato central [...] (CONNEL, 2010, p. 172).

O problema é que, na maioria das vezes, o aluno de magistério, o licenciando ou a pessoa que se decide pela profissão não se sente apta para exercê-la. Nem sempre apresentam as mesmas dificuldades, mas cada futuro docente ou professor iniciante possui seus medos e inseguranças, como exporei a seguir.

A licencianda em Física achou que não poderia ser professora por conta da dificuldade para falar em público. "[...] *eu sempre tive muita dificuldade em apresentar trabalho eu não conseguia falar muito bem em público, aí eu pensei que isso ia me prejudicar na hora que fosse ser professora*". Semelhante a ela, também achei que, por minhas dificuldades, não poderia ser professora.

A licencianda em Música achou que não saberia ensinar, "*O primeiro convite que recebi para dar aula de Música eu fiquei apavorada e eu não tinha formação, eu estava no meio da minha formação. Fiquei apavorada por eu achar que não saberia ensinar*" (LM).

Mesmo após a experiência como professora, os primeiros estágios trouxeram novos temores.

[...] Quando tive minha primeira experiência de estágio, que era só de observação eu quase morri. [...] Quando tu dá aula em um projeto, quando dá aula particular as pessoas vão porque querem aprender, vão se sujeitar e vão entrar com aquela

expectativa. Já no colégio é diferente. Eles estão lá porque são obrigados, já não recebem de qualquer forma. Tanto faz pra eles. Tava apavorada, porque os alunos não iriam gostar. [...] No meu primeiro estágio eu tinha que observar e fazer uma intervenção nas series finais do ensino fundamental e no médio, só observei e não tive coragem de dar aula. Quando cheguei no estágio mesmo ia quase morrendo. [...] eu estava só observando e morria, porque eles com a professora deles tinham uma reação. Era artes normalmente o momento de bagunçar. Agora tu dar aula em uma turma que já tem esse clima. Eu dizia: 'como vou dar aula? Como vou fazer os alunos pararem?'(LM).

Como a entrevistada, também achava que não conseguiria ensinar ou ter o mínimo controle dos alunos. Sempre tive dificuldade para explicar qualquer conteúdo ou conhecimento e nunca tive voz ativa.

A professora de Língua Portuguesa fala sobre as dificuldades de quando saiu da faculdade e encarou sala de aula, ela se viu incompleta no exercício da profissão.

[...] A grande dificuldade mesmo é ter que estudar, porque por eu não ter timidez eu não tinha problema de enfrentá-los. Agora, e cadê o conhecimento? [...] tu chega pra montar teu cronograma e não consegue, tu vais fazer um planejamento a faculdade não te ensina a fazer um planejamento obedecendo os eixos cognitivos que a escola te pede. O que tu quer atingir com este conhecimento e pra cada tipo de conhecimento. Uma coisa é eu saber, agora como ensinar pra eles. Eu acho que isso sim causa um certo choque, quando entra na sala de aula (PLP).

Como a professora, embora esteja quase formada, penso possuir conhecimentos insuficientes para ser uma professora. Do mesmo modo, a professora de Geografia, que desejava a profissão docente desde a infância teve suas inseguranças no período de estágio no magistério, como relatou:

Tive insegurança e medo de não saber o que fazer, até por se tratarem de crianças. Na época, não éramos preparadas pra entrar em sala de aula. Nos largavam na escola sem muita orientação e a gente tinha que se virar. Ficávamos sozinhas desde o primeiro dia de aula (PG).

Medo de não saber o que fazer é um dos meus temores, tenho a sensação de não estar preparada para lidar com as diferentes situações que envolvem uma sala de aula. Mas, algumas dificuldades são mais facilmente superadas em pouco tempo de docência. A maioria das entrevistadas, atualmente, se veem mais confiantes na profissão docente,

"*eu descobri que eu tinha facilidade pra explicar, que a pessoa conseguia compreender*", disse a licencianda em Música. Outros problemas parecem permanentes, ligados a própria personalidade do indivíduo. Um exemplo é a licencianda em Física que ainda apresenta dificuldade para controlar os alunos. Ela afirma que seu defeito como professora seria a falta de postura em sala de aula: "*Principal defeito seria não conseguir controlar a turma, acho que é mais uma coisa de postura, saber como falar com os alunos e como agir*".

Minha situação se relaciona à da licencianda em Física. Minhas dificuldades parecem ligadas a minha personalidade, meu jeito, como se fosse quase impossível superá-las. Neste caso, que tipo de docência poderei exercer? Seria possível exercer uma docência de qualidade? Mas como exercer uma docência de qualidade? O que seria uma docência de qualidade? O que é qualidade?

A palavra qualidade pode representar diferentes significados. Os subtópicos seguintes explicarão e descreverão o conceito de qualidade compreendido nesta pesquisa.

3.2.1 Qualidade é bom?

Normalmente a palavra **qualidade** é relacionada a algo bom. Na descrição de uma pessoa **qualidade** é usada para representar características boas, na oferta de um produto a expressão "é de qualidade", o termo é utilizado para convencer o consumidor que se trata de algo bom, cuja aquisição trará vantagens. No entanto segundo a professora Terezinha Azerêdo Rios, autora da obra "Compreender e Ensinar: por uma docência da melhor qualidade", "qualidade é um atributo essencial da realidade" (2008, p. 21). Segunda ela existe "boa e má qualidade nos seres com que nos relacionamos, nas situações que vivenciamos"(IBIDEM).

Terezinha Rios defende a multiplicidade do termo **qualidade**. O conceito desta palavra seria determinado de acordo com o contexto social e histórico, advindo de uma realidade específica (IBIDEM, p. 64). No livro mencionado, estão presentes definições de **qualidade** escritas por diferentes autores. Exporei algumas destas definições e também conceitos deste termo encontrados em outras fontes.

No dicionário escolar Silveira Bueno (1996) encontra-se a seguinte definição: "**QUALIDADE**, s.f. Característico de uma coisa; modo de ser; disposição moral; predicado; nobreza; casta; espécie; gravidade, aptidão." (p 383).

Em uma definição mais atual, o termo **qualidade** aparece no dicionário online, Dicio¹, como:

s.f. Característica particular de um objeto ou de um indivíduo (bom ou mau); uma das qualidades dos metais é sua resistência. Atributo que designa uma característica boa de algo ou de alguém; virtude ou dom: o último concerto daquela banda é de uma qualidade indiscutível. Natureza ou condição de; status: participou da formatura na qualidade de reitor. Traço distintivo; aquilo que diferencia (algo ou alguém) dos demais. Classe ou modelo: qual seria a qualidade deste automóvel? Filosofia. Modo de ser de um indivíduo; essência. Pej. Categorização do ser humano; raça ou laia. Linguística. Característica vocálica; junção sonora que define um som vocálico; timbre, altura, sonoridade etc. (Etm. do latim: qualitate)

O livro de Rios cita o seguinte conceito:

Qualidade. (Do latin qualitate). S.f. 1. Propriedade, atributo ou condição das coisas ou das pessoas capaz de distingui-las e de lhes determinar a natureza. 4. Dote, dom, virtude. 5. Condição, posição, função. 7. (Fil.) Uma das características fundamentais do pensamento: maneira de ser que se afirma ou se nega alguma coisa. 8. (Fil.) Aspecto sensível e que não pode ser medido, das coisas. **De qualidade.** 1. De boa qualidade. (FERREIRA, 1975 apud RIOS, 2008, ver p)

Segundo a autora é devido o último sentido apresentado que ocorre a suposição de **qualidade** como algo bom (RIOS, 2008, p. 68).

Na visão de Aristóteles apresentada no referido livro "a qualidade é uma das categorias, que se encontra em todos os seres e indicam o que eles são ou como estão." E as categorias são "substância, quantidade, qualidade, relação, tempo, lugar, ação, paixão, posição e estado [...] Qualidades são, portanto, propriedades que se encontram nos seres." (IBIDEM, p. 69).

As definições de **qualidade** citadas, embora apresentem algumas divergências e a diferença temporal, definem o termo primeiramente como um sinônimo de característica

¹ Disponível em < <http://www.dicio.com.br/qualidade/> > Acesso em: 16 jun. 2016

ou propriedade, posteriormente é agregando à palavra uma conotação positiva. Ainda que **qualidade** tenda a parecer algo bom, o termo em sua origem é neutro e pode, sim, ir para o lado negativo.

Neste trabalho a palavra **qualidade** se refere a uma boa docência. De acordo com Terezinha Rios (2008) a boa **qualidade** na docência e a boa **qualidade** em outras profissões, se relaciona com a competência. Esta relação e conceito serão explanados no subtópico a seguir.

3.2.2 Qualidade e competência

A palavra **competência** remete "ao saber fazer bem o dever" (IBIDEM, p. 88). No dicionário escolar de Silveira Bueno (1996) temos a seguinte definição: " **COMPETÊNCIA**, s.f. Idoneidade; aptidão; rivalidade; capacidade." (p. 116). Por possuir estes conceitos, **competência** carrega um sentido positivo que permite sua relação com o termo **qualidade**.

No livro analisado de Terezinha Rios é proposta a retomada do conceito de **competência**. Primeiramente a autora faz a relação do que seria a ação competente com **qualidade**: "A ação competente vai se definir como ação de boa qualidade." (IBIDEM, p.21). Posteriormente a palavra **competência** é colocada no plural, sendo apresentada **competência** como um conjunto de **competências** em determinadas áreas (p. 76). Segundo as palavras de Perrenound (1997 apud RIOS, 2008, p. 77) "para que haja competência é preciso que se coloque em ação um repertório de recursos (conhecimentos, capacidades cognitivas, capacidades relacionais [...]", ou seja, a noção de competência adquire sentidos múltiplos. Para ilustrar o pensamento do autor consta no livro mencionado uma lista de 10 **competências** que comporiam a **competência** na docência. Não citarei a lista completa, mas para melhor compreensão, colocarei algumas das destacadas pelo autor (Perrenound):

1. Organizar e dirigir situações de aprendizagem;
[...]
 4. Envolver os alunos em suas aprendizagens e em seu trabalho;
 5. Trabalhar em equipe;
[...]
 9. Enfrentar os deveres e dilemas éticos da profissão;
 10. Administrar sua própria formação contínua.
- (PERRENOUND, 2000 apud Rios, 2008 p. 78)

Apesar das definições apresentadas, direcionando-me ao foco desta pesquisa e ainda seguindo o pensamento de Terezinha Rios, acredito ser necessária a ampliação do presente conceito de competência para que este abarque os sentidos de **qualidade** na docência aqui propostos. "Qualificar, portanto, é mais que seguir uma lista de 'competências' que definem o profissional eficiente em cada área" (RIOS, 2008, p. 84).

Minha definição de **competência** estava relacionada à ação de um ser competente. Possuía como conceito de competente aquele que é capaz, que realiza suas tarefas com eficiência, possui aptidão. Relacionado com a docência, entendia que uma docência exercida com qualidade seria com competência, ou seja, com um professor capaz, eficiente e com aptidão para a profissão. Atualmente continuo relacionando **qualidade** na docência com **competência**, a própria autora Terezinha Rios afirma que "a ação competente se reveste de determinadas propriedades que são chamadas de qualidades boas" (IBIDEM, 2008, p. 91). No entanto hoje minhas noções de competente, competência e qualidade são de maior abrangência. Penso que um ser competente não é simplesmente o capaz, mas o comprometido. Direcionando-me à docência acredito que ser competente ou possuir competência, esteja ligado a **busca**, uma procura por diferentes formas de ensinar melhor e de se aperfeiçoar, "o que se busca é uma prática docente competente, de uma qualidade que se quer cada vez melhor, uma vez que está sempre em processo." (IBIDEM, 2008, p.91). Acredito que possam existir competências básicas que constituem uma docência de qualidade, mas não uma lista capaz de conter todas as **competências** que comporiam a **competência** de um professor:

[...] a lista não dá conta do que se espera de um educador para um agir de boa qualidade ou uma atuação competente [...] não há listas de competências que darão conta da complexidade da formação e da prática do educador, do docente.
(IBIDEM, p. 89 e 90).

Minhas concepções sobre ser professor mudaram por minha experiência na licenciatura, da mesma forma minha concepção de exercer uma docência de qualidade sofreu alterações pelo processo de criação deste trabalho. No subtópico seguinte discorro sobre tal experiência e esclareço minhas atuais compreensões de uma docência de qualidade e competência com apoio das entrevistas e do referencial teórico utilizados para esta pesquisa.

3.2.3 Exercendo uma docência de qualidade

Esclarecido o conceito de qualidade adotado para este trabalho desenvolvo minha atual concepção sobre como exercer uma docência de qualidade baseado na pesquisa realizada para esta proposta.

Sendo o tema desta pesquisa baseado em minha experiência enquanto aluna de um curso de formação para professores, penso ser relevante iniciar por minhas antigas impressões quanto à docência.

Detendo-me ao termo competente, "apto; idôneo; suficiente; capaz." (SILVEIRA, 1996, p.116), pensei que nenhuma destas palavras poderia me representar como professora. Um professor deveria estar pronto ou disposto a lidar com situações inusitadas e complexas; um professor deveria ter calma, ter atitude, ter segurança. Via a profissão docente como nobre, mas com um alto teor de exigências que eu não seria capaz de atingir.

Achei que não poderia ser professora. Em meu entender não conseguiria exercer esta profissão com qualidade ou ao menos ser uma docente competente. Me senti incapaz para esta função. Sempre apresentei dificuldade para me expressar de forma clara. As coisas parecem mais complicadas depois de minha explicação. Não me vi em frente a uma turma, responsável por diferentes tipos de alunos. Às vezes sou distraída, desatenta, esquecida e sempre insegura. Em minha compreensão um professor não poderia ser assim, ou seja, pensei que para ser um professor teria de ser mais do que simplesmente **eu**.

Estas questões desencadearam a elaboração deste trabalho em que procuro compreender como se tornar um professor de qualidade, porém durante o processo de criação percebi que existem métodos distintos para ser um bom professor.

A profissão docente, sim, exige um conjunto de características e habilidades

[...] a qualidade dos professores [...] pode ser definida como "um conjunto de características pessoais, de competências e de modos de compreensão que um indivíduo traz para o ensino, incluindo determinadas predisposições específicas em termos de comportamento" (HAMMOND, 2010 apud HERDEIRO, SILVA, 2014, p. 240).

De acordo com o que foi proposto nas entrevistas seria o prazer por ensinar uma das principais características. Gostar da profissão foi colocado como primeiro quesito para execução de uma docência de qualidade segundo professora de Geografia. "*Para exercer uma docência de qualidade em primeiro lugar é preciso gostar do que faz*". Ela mencionou inúmeras vezes que gosta do que faz e sobre ser uma de suas virtudes como professora. "*Sou uma professora comprometida com o que faz e feliz também. Imagino que meus alunos me veem como uma professora que gosta do que faz, entra em sala com prazer. Minha principal virtude seria isso de fazer porque realmente gosta*" (PG).

Complementando as palavras da docente trago um trecho do relato de uma professora transcrito por Roseli Fontana (2005), "A partir do gosto, vem a questão do compromisso com aquilo que você faz, que não tem sentido para quem faz alguma coisa por fazer".

Ter prazer na profissão seria a razão para ter compromisso com o que se faz e assim exercer uma docência de qualidade.

A professora de Língua Portuguesa não se distância deste conceito ao definir uma docência de qualidade aquela exercida por um profissional que acredita no seu trabalho. "*Todo o profissional da educação que acredita no que tá fazendo, tá exercendo uma docência de qualidade*".

Este professor que gosta de sua profissão e acredita nela, pode ter grandes habilidades ou não, mas irá se esforçar para ser o melhor de si. Segundo a licencianda em Física participante da pesquisa, dar o melhor de si é uma forma de exercer a docência com qualidade "*ele tem que sempre tentar dar o melhor dele*" ela responde quando pergunto uma das formas de o professor exercer a docência com qualidade.

Dar o melhor de si, no entanto, não significa ter excelência em todas as suas funções enquanto docente. Como menciona a licencianda em Física "**ser professor [...] é uma coisa que tu vai construindo, vai aprendendo**".

Na perspectiva de construir e aprender, colocarei trechos dos relatos de duas professoras. Ambos retirados do livro "Como nos tornamos professora?", de Roseli Fontana. O primeiro conta a iniciação à docência da própria autora e o segundo a de Vera Helena uma de suas colegas.

Formada, meu primeiro trabalho foi num supletivo para adultos, vinculado a um sindicato. Ali como professora de Português, tomei consciência do quanto eu não sabia. Apesar dos meus esforços em

estabelecer uma relação de diálogo constante com os alunos e de estar aberta aos seus modos de compreender e de dizer o mundo, um vácuo se fazia nessa relação. Eu não sabia como articular as discussões com eles, não sabia problematizar seus dizeres [...]. Os alunos gostavam de mim, mas não consegui prepará-los para os exames que lhes confeririam um certificado, necessário, por "n" razões diferentes, naquele momento de suas vidas [...]. Como ensinar a ler? Como ensinar a escrever? Como ensinar Português? Como ser professora?

Essa experiência foi decisiva: era preciso continuar minha formação. [...] passando pelo conhecimento do que ensinar até ao "como" ensinar. (FONATNA, 2005, p. 110 e 111)

O relato de Roseli Fontana revela uma professora recém formada, mas que ao encarar a sala de aula percebeu que não estava preparada. Ela se sentiu uma professora incompleta e percebeu que precisava continuar sua formação.

Foi uma loucura! Eu fiquei atônita e desesperada diante da responsabilidade de assumir uma 4ª série [...] O que fazer, o que ensinar e como? Tudo era novo e desconhecido... Perguntei a Rô se ela me ajudaria. Ela dispôs a isso e sugeriu à coordenação da escola que, desde aquele momento eu passasse acompanhar seu trabalho, como professora auxiliar. Íamos para a sala de aula juntas. Em alguns momentos eu assumia a classe, compartilhávamos a correção do material das crianças, [...] Mesmo assim eu me sentia insegura. A Rô, então, propôs-se a trabalhar comigo durante as férias de julho. Estudamos juntas [...]

Ao final de julho pedi a Rô que continuasse acompanhando meu trabalho em supervisões semanais. Uma vez por semana, ia para a casa dela, à noite, levando todas as minhas dúvidas, todas as minhas indagações e todas as minhas sacadas. Ela me ouvia e me ensinava a analisar cada uma das situações que eu lhe trazia: desde as atividades que eu propunhas às crianças, às dúvidas de conteúdo ou atitudes por mim assumidas em classe. Foi assim mesmo. Tive toda a assistência e foi aí que aprendi a trabalhar e a confiar no meu trabalho como profissional. (FONTANA, 2005, p. 114)

Este último relato, da professora Vera Helena, revela uma professora insegura de si e de como agir em sala de aula. Diferente de Fontana não foi a partir de uma experiência mal sucedida que ela percebeu suas dificuldades, antes mesmo de entrar em sala ela está ciente de suas dificuldades e pede ajuda. Até sentir-se segura para execução da docência foi necessário muita assistência, lições e aprendizados.

Ambos os relatos servem como exemplo de persistência e de busca por aperfeiçoamento diante das dificuldades. As duas docentes não se viram capazes de

exercer a docência após formatura. Foi necessário um processo para que elas se sentissem de fato professoras.

As histórias das duas docentes demonstram que um professor não precisa ter todas as respostas e saber sempre o que fazer. Mesmo nesta profissão é possível errar e isto pode servir de lição como aconteceu a Fontana em sua experiência no supletivo. Para ser professor não é necessário ser extramente seguro de si, a professora Vera Helena foi adquirindo segurança com o tempo.

O tempo, a experiência na profissão e o principal, **querer** ser um bom professor e lutar por isso, permitirão uma docência exercida com qualidade. Tempo e experiência não significam que por um professor lecionar há 10 anos ele exercerá uma docência de maior qualidade do que o professor recém formado. A experiência dá maior segurança e o tempo na profissão fará com que o docente se sinta cada vez mais preparado para lidar com as demandas de sua função. A professora de Geografia entrevistada, por exemplo, atualmente não possui os medos e inseguranças que sentiu ao encarar o estágio no magistério. Mas aos longo de seus 31 anos de profissão pode superá-los.

Quando digo lutar para ser um bom professor me refiro às distintas formas de buscar exercer uma docência de qualidade. Pode ser aquele aperfeiçoamento singular na prática cotidiana em sala de aula como a professora Vera Helena "Íamos para a sala de aula juntas. Em alguns momentos eu assumia a classe, compartilhávamos a correção do material das crianças" ou a procura contínua por qualificação em cursos de formação acadêmica semelhante à autora Roseli Fontana "Essa experiência foi decisiva: era preciso continuar minha formação".

O esforço e a busca por ser um bom professor sempre trarão resultados. E quando digo **esforço** e **busca** não me refiro apenas a cursos de formação, especialização, falo de o professor se esforçar também para aprimorar a forma de se relacionar com os alunos.

De acordo com a professora de Língua Portuguesa ser professor é muito mais que dar aulas, mais que metodologias de ensino, mais que didática, mais que transmitir conteúdos, mais que saber agir em frente a uma sala de aula: "*A docência de qualidade, ela envolve a sala de aula, ela envolve o conteudismo porque o mundo lá fora é baseado em conteúdo, agora a docência de qualidade também envolve o lado humano, ela precisa desse lado humano*" (PLP). Na profissão docente muitas vezes lida-se com situações afora o ensino e aprendizagem, afinal, lida-se com pessoas. Uma docência exercida com

qualidade também prevê a maneira como o professor trata seus alunos e lida com cada acontecimento, o professor precisa entender o contexto de seus alunos:

[...] tu tem que respeitar teu trabalho, teus alunos. Eles são terríveis. Eles são difíceis? Eles são, mas olha pra eles antes de criticar, olha pra eles antes tomar qualquer decisão, olha pra eles antes de deixar sem recreio, olha pra eles antes de chamar de coisas feias [...] E eu acho que é esse lado humano muito mais do que o trabalho [...] isso em qualquer profissão. Tu tem que considerar, olhar para o teu semelhante (PLP).

Um bom professor pode ser aquele com maior gama de conhecimento. O conhecimento e domínio dos conteúdos apareceram nas entrevistas como requisitos para exercício de uma docência de qualidade "Para exercer uma docência de qualidade [...] em segundo lugar é preciso estar preparado o que inclui conhecimento e planejamento" diz a professora de Geografia "Pra ser um professor de qualidade ele precisa tá dominando a matéria que ele tá ensinado" afirmou a licencianda em Música. Mas também ouvi de diferentes formas pelas entrevistadas que para uma docência ser exercida em sua eficácia é necessário que o professor se preocupe em proporcionar o aprendizado e se proponha a mediar seus saberes de modo a alcançar cada aluno. Também foi colocada pelas docentes e licenciandas a importância de compreender as maneiras distintas de cada estudante, aprender e respeitar o ritmo de desenvolvimento de cada um.

[...] Tu não pode generalizar toda turma. O jeito de dar aula, de explicar e talvez até o plano de aula teria que ser diferente para turmas com perfis diferentes. Um grande erro dos professores é aplicar a mesma didática sem se importar com o aluno se ele tá aprendendo. No momento que tu consegue perceber que esse aluno tem esse perfil, ele não consegue aprender dessa forma e aquele [outro aluno] é de outra forma e tu conseguir fazer com que a tua aula consiga ser clara para os dois, tu está exercendo uma docência com qualidade (LM).

[...] Não posso achar que todos mesmo não tendo um aluno especial, que todos vão atingir a mesma coisa da mesma forma (PLP).

[...] [é preciso estar] preparado para trabalhar com as diferenças" (PG).

Foi ressaltado o quanto o conhecimento e o ensino devem se mostrar significativos para o aluno. Em uma docência de qualidade o professor deve procurar mostrar a

importância de cada aprendizado. Segundo a licencianda em Física ser professor envolve: "*Levar alguma coisa que faça eles pensarem na importância que tem cada conhecimento, que o conhecimento nunca é demais*". Ela também defende que não apenas o conteúdo, mas o professor pode ser significativo para o aluno: "*[ser professor] significa formar pessoas não só pra que eles passem no Enem ou consigam entrar no curso que eles querem, significa fazer a diferença na vida dos alunos*". As palavras da professora de Língua Portuguesa se assemelham:

[...] tu tem que querer que aquele teu semelhante seja alguma coisa. Tu não pode esperar que simplesmente passou [o aluno foi aprovado] e ano que vem não sei o que vai ser mais. Não é fácil tu dar conta de todos, não é fácil. 'Ah! Isso é utopia, loucura de quem tá começando, com 20 anos de carreira tu não vai lembrar quem foi teu primeiro aluno'. Talvez não lembre, mas talvez eu lembre e talvez eu não lembre, mas se eu fiz alguma diferença na vida dele ele lembre de mim. Pra mim isso é o mais importante: marcar positivamente por onde eu passo e esperar que possam aproveitar isso de alguma forma. As vezes tu atinge quem tu menos pensava (PLP)

Cabe ao professor, em uma docência exercida com qualidade, motivar e acompanhar os seus alunos para que eles se interessem pelos estudos e se mantenham na escola. Abaixo seguem as palavras da professora de Língua Portuguesa falando do que envolve uma docência de qualidade.

Acho que vai envolver esse trabalho extraclasse, tudo aquilo que é lúdico, tudo aquilo que motiva. Eles têm internet, acesso à informação muito rápido. A gente vai ter o conteúdo, vai, mas a gente vai ter aquilo que os desperte pra que eles continuem. Cada um tá ali por um motivo e é esse motivo que a gente tem que descobrir, com esse motivo a gente consegue que eles permaneçam pelo menos até o ingresso na faculdade (PLP).

As duas licenciandas também colocaram a importância de o professor acompanhar os alunos e testar novos métodos de ensino. "Atualizar" foi a palavra destacada pela discente de Física do que seria uma docência de qualidade. "Seria fugir do ensino tradicional, se **atualizar**. Seria o professor perceber que ficar só passando no quadro, só querendo empurrar o conteúdo pros alunos não é o melhor. Que **ele tem que sempre tentar dar o melhor dele e se atualizar**"

Com pensamento semelhante a licenciada de Música fala de uma docência de qualidade em que o professor continue estudando, não apenas para adquirir maiores conhecimentos, mas para renovar seus métodos de ensino e aprendizagem de acordo com o perfil dos alunos.

Continuar estudando. Um professor que se formou há um tempo, se formou com um determinado perfil e esse perfil eu acho as vezes que é retrógrado para os alunos que a gente tem agora. Ter a mente aberta e compreender isso: que professor precisa sempre estar estudando e observando os alunos. [...] estar te inovando sempre (LM).

Não é possível fazer uma lista de como exercer uma docência de qualidade. Constituir-se professor é um processo ao longo do exercício da profissão, como constata Roseli Fontana.

Os conteúdos das tarefas ligadas ao papel social da professora, as responsabilidades, as práticas, os valores, os saberes, os rituais nele envolvidos, que constituem a memória de sentidos de nossa atividade e de nosso saber-fazer como profissionais, foram sendo por nós elaborados num lento aprendizado, que se confundiu com o desenvolvimento de nosso "ser profissional", no exercício cotidiano de nossa própria profissão (FONTANA, 2005, p. 125).

Uma docência de qualidade não precisa vir pronta, na verdade ela nunca esta pronta, pois uma docência verdadeiramente exercida com qualidade é a que está em permanente processo de aperfeiçoamento. "[...] o que se busca é uma prática docente competente, de uma qualidade que se quer cada vez melhor, uma vez que está sempre em processo." (RIOS, 2008, p.91).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na elaboração deste trabalho adquiri importantes conhecimentos com relação à profissão docente. Por meio da revisão bibliográfica pude entender que a docência de qualidade pode ser definida de diferentes formas, em distintas atitudes adotadas pelo professor. A qualidade na docência pode estar ligada a ter competência na profissão o que não se refere a habilidades e aptidões, mas ao comprometimento de buscar desenvolver as habilidades necessárias para melhor exercício da docência. Tal característica não se restringe ao professor, mas a toda e qualquer profissão.

Conheci tanto por meio das entrevistas como na pesquisa bibliográfica, experiências de diferentes professoras no período de graduação e no exercício da docência. Suas vivências me proporcionaram a convicção de que inseguranças, medos e a sensação de não estar pronta para a profissão docente são comuns e podem ser superados. Ter tais sentimentos não significa que não poderei ser uma professora de qualidade.

Ao ouvir das professoras e licenciandas o que compreendem por uma docência de qualidade, percebi que suas respostas se relacionavam em alguns aspectos como o comprometimento, ensino diferenciado, prazer por ensinar. Ainda que ditas de formas diferentes suas respostas tinham pontos em comum. O que se mostrou interessante, pois são pessoas que vieram de locais distintos, mas por meio da docência conseguem destacar conceitos semelhantes para a sua qualidade.

No início desta proposta pensei que os sujeitos da pesquisa trariam respostas mais específicas para um ensino de qualidade com métodos e didáticas, mas as repostas foram subjetivas, mostrando que a qualidade no exercício de ensinar é ampla e evolui diferentes iniciativas que podem sofrer alterações de acordo com o contexto.

Pude compreender com esta pesquisa que todo o esforço é necessário para uma docência de qualidade. Mas não há um esforço específico e, sim, aquele esforço que se mostra necessário a cada indivíduo de acordo com suas habilidades, dificuldades e o que pretende alcançar como docente.

No início deste trabalho coloquei como base desta pesquisa as seguintes questões: Tendo finalizado uma Licenciatura, como e quando se sabe que o professor está apto para a docência? Quais esforços são necessários para exercer uma docência de qualidade? A problemática trazida neste trabalho é: existe um único método para ensinar com qualidade?

Com a elaboração deste trabalho aprendi que nem sempre após a finalização da licenciatura o professor se sente apto para exercer a profissão e de fato nem sempre ele está como constatei nos relatos das professoras Vera Helena e Roseli Fontana (FONTANA, 2005 p. 110, 111 e 114) e na entrevista com a professora de Língua Portuguesa. O professor que busca exercer a docência de qualidade procura adquirir aquilo que ainda não possui, seja o conhecimento específico para a disciplina ou prática de sala de aula.

Os esforços necessários para exercer uma docência de qualidade já foram colocados anteriormente e para completar acrescento dar o melhor de si e estar sempre em busca de aperfeiçoamento.

Constato que **não existe um único método para ensinar com qualidade**, mas existem requisitos essenciais para a prática de uma docência de qualidade. Seriam eles:

- ter prazer na profissão;
- dominar o conteúdo;
- medir seus conhecimentos de modo a alcançar todos os alunos;
- procurar acompanhar o perfil dos alunos de modos a realizar metodologias que promovam o interesse e assim o desenvolvimento de cada um;
- nunca parar de estudar;
- reconhecer que sempre é possível ser melhor.

Mas para que professor atinja quaisquer destes objetivos é preciso ter as condições as condições necessárias. Tais como um salário que garanta sua sobrevivência, uma escola, a oportunidade tanto em questão de tempo como recursos para que possa continuar sua formação e aperfeiçoar seus conhecimentos.

Quanto maior meu conhecimento da profissão docente, maior minha compreensão de sua nobreza e importância. Infelizmente as condições precárias nas quais os professores têm de se submeter, acabam por desvalorizar a imagem destes profissionais. Não pretendia abordar este assunto, mas se fez necessário quando percebi o quanto o contexto de inserção dos profissionais docentes influencia sobre a qualidade do ensino que promovem.

Quando iniciei este trabalho não busquei discutir o que todo um sistema poderia alterar para oferecer uma docência de maior qualidade, mas me propus a descobrir o que **eu** poderia fazer para exercer uma docência de qualidade. Foi quando percebi que existia todo um contexto social e econômico que influencia diretamente na qualidade da

docência, não poderia ignorá-lo. Ampliei o foco desta proposta colocando outros fatores que causam a decadência da profissão docente. No entanto não me desprendi do objetivo inicial, pois também constatei que existe um fator individual que promove uma docência de qualidade e este depende do professor. Este deve compreender que para uma docência de qualidade é preciso a consciência de que somos inacabados e necessitamos de permanente aperfeiçoamento.

Acredito que esta pesquisa servirá como auxílio para compreensão de uma docência de qualidade. Mostrará aos indecisos quanto a seguir a profissão prós e contras da docência. Penso que este trabalho pode promover o interesse para uma pesquisa e reflexão maior sobre o ser professor, o que envolve e o que faz que mesmo diante de tantos problemas ainda existam pessoas que escolhem ser docentes e se esforçam por exercer este ofício com qualidade.

REFERÊNCIAS

BODGAN, Robert C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação Qualitativa em educação**. Portugal: Porto Editora, 1994;

CONNEL, Raewyn. **Bons professores em um terreno perigoso: rumo a uma nova visão da qualidade e do profissionalismo**. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ep/article/view/28225>> (acesso em setembro de 2016)

Dício. Disponível em <<http://www.dicio.com.br/qualidade/>> Acesso em: 16 jun. 2016

FERNANDES, Luciane Alves; GOMES, José Mário Matsumura. **Relatórios de pesquisa nas Ciências Sociais: característica e modalidades de investigação**. Porto Alegre: ConTexto, 2003

FONTANA, Roseli A. Cação. **Como nos tornamos professoras?** Belo Horizonte: Autêntica, 2005 Incluir

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Editora Atlas; 2008.

HERDEIRO, Rosalinda; Silva, Ana Maria. **Qualidade e Trabalho docente: As experiências e Oportunidades de Aprendizagem dos Professores**. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>> (acesso em: setembro de 2016)

MELLO, Elena Maria Billig. **As Políticas de Valorização e Profissionalização dos Professores da Educação Básica do Estado do Rio Grande do Sul (1995-2006): convergências e divergências**. Porto Alegre: POA, 2010, 241 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010

MORAES, Roque. GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise Textual Discursiva**. Ijuí: UNIJUI, 2007.

RIOS, Tereza Azerêdo. **Compreender e ensinar: por uma docência da melhor qualidade.** São Paulo: Cortez, 2008.

SILVEIRA, Bueno. Dicionário Escolar. São Paulo: Ediouro, 1996.

SALOMÃO DE FREITAS, Diana Paula. **A Prática de Pensar a Prática de Formação Acadêmico-Profissional de Professores(as) de Ciências da Natureza: estética do formar-se ao formar.** Rio Grande: FURG, 2015. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde - PPGEC, Universidade Federal do Rio Grande, 2015. Disponível em <http://www.argo.furg.br/bdtd/0000010847.pdf>> Acesso em 08 dez. 2016

SALOMÃO DE FREITAS, Diana Paula; MELLO Elena Maria Billig. **Formação acadêmico-profissional de professores(as) e gestão democrática: (inter) relações entre educação básica e educação superior.** 2016. No prelo.

Apêndice 1 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA – UNIPAMPA - CAMPUS BAGÉ
LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS E LITERATURA DA LÍNGUA
PORTUGUESA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você é convidado(a) a participar, como voluntário(a), em uma pesquisa de trabalho de conclusão de curso. Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, rubricue essa folha e assine ao final deste documento, constituído por duas vias, uma para você e outra para pesquisadora responsável.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Título do Projeto: Reflexões sobre a constituição de uma docência de qualidade

Pesquisador Responsável: **Merab Cassão Alves**

JUSTIFICATIVA, OBJETIVOS E PROCEDIMENTOS:

Com base em minha experiência em um curso de formação para professores, minhas dúvidas e inseguranças quanto a me tornar docente e ser uma boa professora, faço uma pesquisa em meu trabalho de conclusão de curso sobre como exercer uma docência de qualidade. Suponho que estas questões não sejam apenas minhas, mas de diferentes licenciandos em situação semelhante.

O objetivo desta pesquisa é compreender como exercer uma docência de qualidade. Para tal procuro conhecer opiniões distintas sobre o assunto de pessoas ligadas à educação, além de estudos teóricos sobre a temática. Tais pessoas são professores da educação básica e ensino superior e licenciandos. Busco não apenas suas opiniões ou métodos/didáticas eficazes para o ensino, mas as experiências em sala de aula e durante o processo de formação para a docência, assim como conhecimentos e saberes

Os procedimentos de coleta de dados serão: Entrevista semi estruturada individual.

A participação no referido estudo não acarretará custos para você e não haverá nenhuma compensação financeira adicional.

DECLARAÇÃO DO PARTICIPANTE OU RESPONSÁVEL

Eu, _____, abaixo assinado, concordo em participar do estudo anteriormente especificado. Declaro que, de maneira clara e detalhada, fui informado(a) pela pesquisadora dos objetivos da pesquisa. Esclareci minhas dúvidas e recebi uma cópia deste Termo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a qualquer penalidade.

Autorizo () Não autorizo () a publicação de atividades escritas realizadas; trabalhos apresentados em eventos e; eventuais fotografias que a pesquisadora necessitar obter de mim para o uso específico em seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

(Bagé) _____, de _____ de 20____.

Nome: _____

Local e data de Nascimento: _____

Assinatura do sujeito ou responsável: _____

Assinatura da pesquisadora: _____

Apêndice 2 - ROTEIRO PARA ENTREVISTA SEMI ESTRUTURADA

Professoras

1. Qual é sua formação?

- Em que área leciona;
- Possui pós – graduação;
- Existe algo ou alguém que influenciou a escolha desta formação.

2. Há quanto tempo atua como professora?

3. Como você se tornou professor?

- Quando quis ser professora e como foi este processo;
- O que fez querer ser professor;
- Sofreu influencia de algo ou alguém;
- A escolha foi planejada;
- Como foi o processo de formação;
- Houve algum momento no processo de graduação em que teve dúvida sobre seguir esta profissão;
- Houve alguma barreira (alguma situação ou alguém) para você se tornar professor; Se sim, você pode comentar, por favor.

4. Como foi seu início de carreira?

- Período de graduação (estágios);
- Primeiras vezes que entrou em sala de aula, depois de formada(o);
- Dúvidas, inseguranças, incertezas.
- Obstáculos ou incentivos que podem ser destacados.

5. Como foi seu relacionamento com a educação durante a infância e adolescência?

- Como era enquanto aluna;
- Comportamento em sala de aula;
- Comprometimento com os estudos;
- Apresentava dificuldade ou facilidade para o processo de aprendizagem;
- Visão sobre a sala de aula e professores;
- Relacionamento com os colegas;
- Como percebia a valorização da educação, pelas pessoas e instituições.

6. Como você se descreveria enquanto professora?

- Que tipo de professora se considera;
- Como se vê na docência;
- Como imagina que os alunos a veem;
- Principais virtudes;
- Principais “defeitos”;
- Como vê a profissão Professor.

7. Poderias citar algum(s) obstáculo(s) encontrado no exercício como professora na educação básica?

8. O que significa ser professor pra você?

9. Em sua opinião, e baseado em sua experiência, o que seria uma docência exercida com qualidade?

- O que seria preciso para tal;
- Como exercer;
- Há algum professor que poderia ser citado como exemplo de uma docência de qualidade, por quê?

10. Teria alguma experiência vivenciada em seu período na docência que poderia compartilhar?

Licenciandas

1. Como foi o processo de escolha para o curso de graduação?

- Foi uma escolha demorada;
- Já pretendia seguir os estudos nessa área;
- Desde quando se interessa por esta área de ensino;
- O que mais chamou ou chama sua atenção neste curso;
- Houve algo determinante para essa decisão.

2. Você pensava em cursar uma licenciatura? Por quê?

- Pretendia ou não ser professor e por quê.

3. Comente sua trajetória na educação básica:

- Como era enquanto aluno(a);
- Comportamento em sala de aula;
- Comprometimento com os estudos;
- Apresentava dificuldade ou facilidade para o processo de aprendizagem;
- Visão sobre a sala de aula e professores;
- Visão sobre a profissão docente e sua valorização;
- Relacionamento com os colegas;
- Pensava em fazer curso superior.

4. Depois de ingressar na universidade o que tem a dizer sobre seu curso?

- É o que esperava;
- Identifica-se;

- O que gosta ou não gosta e por que.

5. Você já esteve à frente de uma sala de aula como professor? Se sim, poderia compartilhar sua experiência?

- Quando foi;
- Como se sentiu;
- Achou-se preparado;
- Como eram os alunos;
- Como foi retornar a escola no papel de professor;

6. Você quer ser professor? Por quê?

7. O que você pretende fazer após se formar na graduação?

- Pensa fazer pós - graduação;
- Quer conseguir um emprego na área de educação;
- Pretende fazer outra faculdade e se sim, qual e por que;

8. Descreva que professor(a) você pretende ser ou seria?

- Como se vê na docência;
- Como imagina que os alunos lhe veriam;
- Principais virtudes;
- Principais “defeitos”;
- Como vê a profissão Professor.

9. O que significa ser professor para você?

10. Em sua opinião, e baseado em sua experiência na educação básica e em um curso de licenciatura, o que seria uma docência exercida com qualidade?

- O que seria preciso para tal;
- Como exercer;
- Há algum professor que poderia ser citado como exemplo de exercer uma docência de qualidade?

Apêndice 3 - TABELAS COM ORGANIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS, DISTRIBUIDAS SEGUNDO AS PERGUNTAS FEITAS ÀS PROFESSORAS E ÀS LICENCIANDAS

PERGUNTAS ÀS PROFESSORAS	PG²	PLP³
1. Qual é sua formação?	Licenciatura em ciências sociais e licenciatura em estudos sociais. Sempre gostei de conhecer o passado e estabelecer essa relação temporal.	Letras Português e Literatura. Terminando pós - graduação em gestão de currículo na formação docente.
2. Há quanto tempo atua como professora	Há 31 anos.	Um e meio mais ou menos. Me formei e já segui lecionando.
3. Como você se tornou professor?	Quando percebi que gostava de trabalhar com pessoas. Tive certeza quando fiz teste para o banco passei e não gostei. Fiz magistério, tentei seguir em outra área, mas acabei voltando pra docência, pois percebi que era isso que gostava. Não tive dúvidas durante o processo de graduação. A maior barreira que enfrentei foi a financeira, pois vinha de uma família humilde e na época não havia faculdade pública em Bagé.	Quando me formei no ensino médio não havia Universidade pública em Bagé e eu procurei um curso que havia aqui. Acabei entrando no curso de direito. Quando veio a Universidade pública por motivação financeira e por não estar feliz com que estava fazendo, fiz o Enem, escolhi um curso noturno, pois trabalhava de dia e um curso que não fosse na área das exatas pois detesto e sou péssima. Só fui gostar à medida que fui fazendo a faculdade. Não teve nada que dissesse assim: eu tive a inspiração e sempre quis ser professora. Sou filha de professora, mas nunca fui conduzida a ser professora. Eu gostava, dava aula para os filhos dos vizinhos, dava aula pras bonecas pro cachorro, eu dava aula pra todo mundo, mas eu achava fazia por diversão que nunca ia fazer disso uma profissão. Fui perceber que realmente amava isso à medida que fui fazendo a faculdade. Meu primeiro semestre na faculdade de letras e ainda fiz as duas faculdades juntas. A partir das primeiras cadeiras, principalmente as de literatura fui perceber que realmente podia associar aquilo que eu gostava a profissão. Aí abandonei o direito. Tive certeza que realmente queria ser professora após o primeiro estágio. Tive certeza que nunca mais queria sair da sala de aula.

² Professora de Geografia

³ Professora de Língua Portuguesa

		Não tive dúvidas na Universidade sobre seguir a profissão, tive dúvidas apenas em seguir a graduação na Universidade, eu tive uma decepção com alguns professores por um tempo me desmotivei, mas depois me remotivei e segui o curso. Não enfrentei nenhuma barreira.
4. Como foi seu início de carreira?	<p>Iniciei com 16 anos no magistério. A primeira vez que entrei em sala no estágio foi em uma pré-escola. Tinha uma menina que eu chamava de minha primeira aluna, pois foi a primeira a entrar na sala de aula. Hoje ela também é professora e todos os dias dos professores, vem me ver.</p> <p>Tive insegurança e medo de não saber o que fazer, até por se tratarem de crianças.</p> <p>Na época não éramos preparadas pra entrar em sala de aula, nos largavam na escola sem muita orientação e a gente tinha que se virar, ficávamos sozinhas desde o primeiro dia de aula. Por conta dessa experiência de estágio, por ser um semestre, quando entrei em sala depois de ter me formado no magistério não senti muita diferença.</p>	<p>Os três estágios foram bem tranquilos. Fiz o primeiro em uma turma de ensino fundamental, retornei no terceiro estágio para escola com outra turma de fundamental. O segundo fiz uma oficina de poesia com alunos de ensino médio. Nunca fui muito tímida pra algumas coisas como falar em público e sempre gostei do trato com adolescentes que eu acho me dá mais prazer e talvez um pouco mais de sucesso no que eu faço porque a gente consegue se conectar muito bem eu e os meus alunos como um todo e eu consigo perceber essa experiência, essa troca esse carinho e eles confiam demais em mim, são muito confidentes a mim. Trabalhar com esse público foi umas das coisas que fez com que eu me achasse. Tive a experiência do PIBID que pra mim foi de suma importância. Apesar de já saber que eu queria ser professora o que eu ia enfrentar, pois sou filha de professora, aquele ambiente, aquelas dificuldadezinhas que a gente enfrentou são as mesmas que um professor novo enfrenta quando entra em uma escola. Então até tu te entrosar, ser reconhecido, tu conseguir fazer o teu trabalho sem que os teus colegas achem que por tu fazer um trabalho diferente tu tá querendo aparecer isso aí... causa assim. Dentro da sala de aula eu acho que não tive dificuldade. A grande dificuldade mesmo é ter que estudar, porque por eu não ter timidez eu não tinha problema de enfrentá-los. Agora, e cadê o conhecimento? A faculdade não nos prepara pra dar aula de gramática, tu chega pra montar teu cronograma e não consegue. Tu vais fazer um planejamento, a faculdade não te ensina a fazer um planejamento obedecendo aos eixos cognitivos que a escola te pede. O que tu quer atingir com este conhecimento e pra cada tipo de conhecimento? Uma coisa é eu saber. Agora como ensinar pra eles? Eu</p>

		acho que isso sim causa um certo choque quando entra na sala de aula.
5. Como foi seu relacionamento com a educação durante a infância e adolescência?	<p>Sempre gostei de estudar e ler. Era agitada em aula, mas comprometida com os estudos fazia todas as atividades até porque era cobrada em casa. Como fazia todas as tarefas possuía facilidade no processo de aprendizagem, naquela época não havia nada muito complicado.</p> <p>Gostava de ir para escola e até juntava toquinhos de giz para dar aula em casa para meu irmão. Dizia que ia ser professora.</p> <p>Me relacionava bem com os colegas.</p> <p>Ser professor na época era status. Nas famílias se tinha essa visão. Professor era visto como um grande agente contribuinte do processo de educação.</p>	<p>Sempre fui muito boa aluna, sempre tive notas bem altas. Sempre gostei muito de ler. Na minha casa meus pais tinham muitos livros. Minha mãe como era pedagoga foi introduzindo desde o gibizinho, português era uma coisa que eu sempre gostei, sempre tive uma certa facilidade em virtude de ler bastante. Não tinha dificuldade com relação à interpretação, escrita e aplicação de regras. Era bem mais tímida, nunca fui adolescente rebelde, era de poucos grupos, poucas amizades. Minha média de notas era oito e meio pra cima com exceção das exatas, fui tendo aquelas médias dos sete só pra passar. Uma certeza eu tinha não poderia ir pra essa área.</p> <p>O ambiente escolar sempre fascinou. Mas nem sempre fui acolhida. Minha família era de classe média, porém isso não interessa, continuo sendo negra, estudava em escola privada. Era uma coisa assim: eu tinha boas notas, tinha boas amizades, mas a escola, a escola era um lugar que pra mim era de transição até o fim da sétima série, hoje oitavo ano. No oitavo ano minha mãe me autorizou a mudar de escola, fui para uma escola pública pra estudar junto com uma prima minha. E eu tinha uma amiga negra como eu, que me acompanhou desde o pré, que falou: eu aqui nessa escola sozinha não fico, e ela foi junto comigo pra escola pública. Nós já fomos em dupla, já tinha conhecidos e foi a nossa libertação. Ela também é professora. A gente divide isso que foi a nossa libertação. Aí havia um ambiente escolar como um todo. Antes disso a escola era o lugar de passagem. Nunca fui mal tratada, mas também nunca foi bem recebida nem pelo grupo, nem pelo professores, simplesmente estava. No colégio público sim, tinha amigos, tinha festinha, tinha envolvimento. Não posso dizer que foi prejudicial porque não foi. Os colegas que já vinham do ensino público tiveram bem mais dificuldades em uma série de coisas; inclusive língua estrangeira, a gramática,</p>

		<p>interpretação que observamos até na Universidade. Tive um ensino de qualidade tive, mas o ambiente escolar.</p> <p>Enquanto aluna nem prestava atenção na valorização do professor. Pela minha mãe via que ela batalhou muito pela questão da educação, sempre foi pra mim um motivo de muito orgulho. Até hoje sou a maior fã da minha mãe. Mas eu via aquela luta como não sendo minha. Simplesmente sendo bonito aquilo que ela fazia. Minha mãe trabalhou em escola carente com alunos que tinha bastante vulnerabilidade, a luta dela por esses cidadãos. A minha mãe sempre viu a educação muito mais do que a sala de aula, até porque ela é educadora educacional ela nunca foi professora de sala de aula. Ela se formou pedagoga orientadora educacional, sempre lidou com esse lado mais humano da educação.</p>
<p>6. Como você se descreveria enquanto professora?</p>	<p>Uma professora comprometida com o que faz e feliz também. Imagino que meus alunos me veem como uma professora que gosta do que faz, entra em sala com prazer.</p> <p>Principal virtude seria isso de fazer porque realmente gosta e querer estar dentro da escola.</p> <p>Principal defeito é que às vezes sou muito exigente, quero que vão além [os alunos]. Às vezes no ensino fundamental tenho que me cuidar pra exigir demais. Vejo a profissão professor como uma benção, a gente recebe mais do que dá.</p>	<p>Eu sou louca como os meus alunos. Procuo dar atenção aos alunos. Eu como professora sou um pouco disso. Eu tô ali, eu cobro, eu sou chata muitas vezes, porque eu quero que eles aproveitem o conhecimento pra ser alguém na vida. Mas eu também sou aquela pessoa que tá ali pra ouvir, que costuma nos primeiros dias já gravar o nome de todo mundo, sabe quando o olhinho do aluno não tá bom. Sou uma colega chata porque acho que se tu saiu de casa de manhã tu tem que respeitar teu trabalho, teus alunos. Eles são terríveis, eles são difíceis? Eles são, mas olha pra eles antes de criticar, olha pra eles antes tomar qualquer decisão, olha pra eles antes de deixar sem recreio, olha pra eles antes de chamar de coisas feias e pelo amor de Deus, faz teu trabalho. A gente pega colegas sem planejamento, colegas que chegam bocejando na escola. Eu levanto às 5 da manhã todos os dias. Levo duas horas pra chegar na escola de segunda a sexta não tenho folga, aí a criatura chega pra trabalhar, abre um armário, pega um livro sujo e pede pros alunos copiar todo o livro enquanto ela mexe no celular, aí nisso eu sou chata, não me queiram na direção.</p> <p>Acho que os alunos também me veem</p>

		<p>como amiga.</p> <p>Não apenas como professora, mas eu procuro me doar pra aquilo que eu faço.</p> <p>Eu acredito muito em tudo aquilo que eu faço se não for pra ser bem feito eu prefiro nem fazer. E eu acho que é esse lado humano muito mais do que o trabalho. Eu acho que tem esse lado humano e isso em qualquer profissão, tu tem que considerar, olhar para o teu semelhante. Seja alguma coisa, não querer que seja apenas passou e ano que vem não sei o vai ser mais. Marcar positivamente por onde eu passo e esperar que possam aproveitar isso de alguma forma.</p> <p>Às vezes tu atinge quem tu menos pensava.</p> <p>Acho que poderia me dedicar mais, faço muita coisa ao mesmo tempo. Tempo pro planejamento, acho que deveria equalizar melhor meu tempo, tempo pras leituras também.</p> <p>Vejo a profissão professor horrível hoje enquanto professora do estado vejo que cada vez mais nós estamos entrando em uma raça em extinção. Salários parcelados, desvalorização, pouco apoio da família. Aqueles casos em q tu chama uma pai e uma mãe e eles acham que o filho tem razão, que não o professor tem razão se bobear ainda te xingam. Ser professor hoje é um ato de carinho amor pela profissão ninguém mais faz isso por dinheiro. A profissão de professor vai chegar a um momento em que se ela não for valorizada vai entrar em extinção.</p>
7. Poderias citar algum(s) obstáculo(s) encontrado no exercício, como professora na educação básica?	Mudanças políticas governamentais e as famílias que não dão o apoio que antes davam, não veem a escola como uma aliada, mas como uma cobrança.	Desvalorização da profissão como um todo.
8. O que significa ser professor pra você?	Já respondido na pergunta seis. "Uma benção".	Realização eu acho. Eu gosto muito disso. Enquanto pessoa eu me achei. Eu custei a perceber isso. Não tive aquela historinha bonita assim: "ah, sempre sonhei em ser professora, eu queria ser professora, eu tinha vocação". Eu nem sabia que eu dava pra isso eu me experimentei e me achei de uma forma tal que eu tô muito feliz, muito honrada de ter conseguido chegar lá; de

		<p>terminar a faculdade, de ter conseguido terminar a faculdade e ter conseguido ir pra prática em sala de aula tão em seguida. Abro os olhos e agradeço a Deus todos os dias que eu tô fazendo uma coisa que eu gosto. Antes eu trabalhava, mas trabalhava por necessidade. Não me sentia realizada.</p>
<p>9. Em sua opinião, e baseado em sua experiência, o que seria uma docência exercida com qualidade?</p>	<p>Para exercer uma docência de qualidade em primeiro lugar é preciso gostar do que faz, em segundo estar preparado o que inclui conhecimento e planejamento e em terceiro preparado para trabalhar com as diferenças, principalmente nos dias de hoje.</p>	<p>Todo o profissional da educação que acredita no que tá fazendo tá exercendo uma docência de qualidade. Talvez alguns consigam fazer isso de uma forma mais visível. Tu conseguir realizar um belo projeto, tu conseguir realizar atividades lúdicas, tu conseguir sair da sala de aula; isso demanda de uma estrutura que nem sempre se tem. A docência de qualidade, ela envolve a sala de aula, ela envolve o conteudismo porque o mundo lá fora é baseado em conteúdo, agora a docência de qualidade também envolve o lado humano, ela precisa desse lado humano. Não posso achar que todos, mesmo não tendo um aluno especial, que todos vão atingir a mesma coisa da mesma forma. Acho que vai envolver esse trabalho extraclasse, tudo aquilo que é lúdico, tudo aquilo que motiva. Eles têm internet, acesso a informação muito rápido. A gente vai ter o conteúdo? Vai. Mas a gente vai ter aquilo que os desperte pra que eles continuem. Cada um tá ali por um motivo e é esse motivo que a gente tem que descobrir, com esse motivo a gente consegue que eles permaneçam pelo menos até o ingresso na faculdade.</p>
<p>10. Há algum professor que poderia ser citado como exemplo de uma docência de qualidade? Por quê?</p>	<p>Sim, uma professora já falecida que foi minha professora no segundo ano do primário. Gostava da postura da sua postura diante dos alunos. Era uma pessoa alegre determinada, organizada. Dizia que não podia ir pra sala de aula sem esmalte "professora tem que ser bonita". Foi um exemplo, positivo.</p>	<p>Pra mim quem seria exemplo de professor de qualidade seria minha mãe, mas ela nunca foi minha professora; por que a dedicação dela é visível; a paixão dela pelo o que ela faz é visível. E tenho uma colega que acho o trabalho dela interessante, mas não é feito na nossa escola, na nossa também porque ela é uma excelente profissional, mas ela tem uma outra escola que ela dá aula na Hulha Negra, que é uma escola pequena e que não tem um volume muito grande de alunos e ela é a única professora da escola. Então ela é professora, ela é diretora, ela é merendeira, ela é faxineira, ela tem uma turma multisereada de primeiro ao quinto ano e ela ainda tem um aluno autista dentro da</p>

		<p>sala de aula. Ela desenvolve um trabalho que pra mim é excepcional, assim oh, que é só de amor, de paixão mesmo, pra que ela consiga. Às vezes ela tá com aquele monte de diário lá na escola, organizando o turno dela pra ir à tarde; matéria separadinha pra cada um, atingindo o conhecimento de cada um; atividades adaptadas pro autista. Ela é uma profissional que ama muito o que faz e que faz muito bem feito. Ela tem um planejamento pra cada um e eles vão avançando até trocar de escola e chegam nas outras escolas bem preparados. Na ativa acho que ela é um bom exemplo de profissional. E não acha um fardo fazer isso.</p>
<p>11. Teria alguma experiência vivenciada em seu período na docência que poderia compartilhar?</p>	<p>Sim, tive um aluno surdo - mudo e consegui alfabetizar em uma época que a escola não era inclusiva. A escola não queria aceitar, a família insistiu e eu pedi para que o aluno entrasse, ele não possuía nem registro de matrícula. Foi uma experiência inesquecível. Foi em um primeiro ano de 1985.</p>	<p>Tudo me marca, todos os dias. No ano passado eu tive um aluno no sétimo ano com epilepsia e que tomava remédio controlado pra agressividade. Teve dois episódios que eu tive com ele que me marcaram. Um deles foi um dia que nós entramos em sala de aula. E eu naquela minha loucura e tá e fiquei: “vamos abrir caderno e vamo bla, bla, bla” e disse: “fulano, vamo abrir o caderno? Aí ele tava com o olhar diferente. Daqui a pouco eu olho de novo e ele ainda não tinha aberto o caderno, aí disse: “tá fulano, e aí?”. Ele continuou com o olho parado, mas colocou a mão no caderno. Aí eu perguntei pra ele: “tu tá bem?”. E ele não respondeu, ignorei, sabendo que alguma coisa não tava bem deixei. Daqui a pouco olhei de novo, conversei com um, conversei com outro e perguntei: “tu ta bem?”. E ele continuou calado. Aí disse: “tá vamos começar”. E peguei, me virei de costas pra turma pra poder passar no quadro, quando eu me virei de costas pra turma eu ouvi um estouro; ele tinha pego uma cadeira e jogado; ele tava quase na última fileira na reta. Aí eu virei pra trás e eu lembro que quando eu me virei ele estava nas minhas costas, com aquele olhar completamente diferenciado, me olhou e passou, eu deixei ele passar, eu vi que ele não tava bem. Perguntei se tava tudo bem na turma; tava tudo bem, aí fui atrás dele, ele sozinho se dirigiu a sala de direção que é no mesmo corredor. Quando eu cheguei na porta a</p>

		<p>supervisora só fez que tava tudo bem, “pode sair que agora eu cuido”, já estavam acostumados com os surtos dele. Passou uns dias ele me relatou, eu não quis questionar ele sobre o q tinha acontecido, ele me disse que naquele dia ele estava mal, ele estava com muita raiva, mas que por ele gostar muito de mim ele não atirou a cadeira em mim, ele conseguiu atirar a cadeira na parede. Porque o que ele queria lá na sua esquizofrenia era me atingir, mas aí a gente tinha essa relação eu conhecia o olhar dele. A outra experiência com ele e não tive muito tempo nessa turma não, ele chegou em mim e ele disse: “professora”, esticando e ele levantou os braços e ele tava todo cortado ele tentou se matar com gilete, aí eu perguntei: “mas porque tu fez isso?”. Então, assim, ele confiou em mim pra vim me contar e vim me mostrar. Aquele eu acho q foi um dos dias mais difíceis de dar aula porque eu me virei pro quadro e as lágrimas... assim, eu me emociono até agora, porque ele é um menino novo, é um menino querido, mas ele tem esse problema; um pouco é por medicação, mas um pouco é por causa das vivências familiares. Aquele dia foi um dia bem difícil de eu continuar com toda aquela turma, aquele bando de adolescentes dando aula depois de ter visto aquilo. Sabe, assim, tu dividir as coisas com os alunos tem um lado positivo, mas tem um lado negativo. Essa semana mesmo enquanto os alunos faziam o exercício uma aluna que senta pegada a minha mesa me relatou toda a história da vida dela, a vivência com a mãe usuária de crack.</p> <p>E positiva pra mim, foi a surpresa que eu tive início desse ano. Era recém início do meu segundo ano na escola e fui professora dele seis sete meses o ano passado, quando estavam no oitavo ano e fui recebida quase que em festa esse ano pelos meus alunos do nono ano que me convidaram para ser a paraninfa deles. Tem uma série de professores na escola que os acompanhavam desde a pré - escola. Então tem esses dois lados. A gente tem momentos muito felizes, mas a gente também tem momentos muito tristes, se envolver com eles dá os dois lados. Às</p>
--	--	--

		vezes da vontade de trazer tudo pra casa, aqui não tem problema a tia vai cuidar de ti. Mesmo pros adultos.
--	--	---

PERGUNTAS ÀS LICENCIANDAS	LF⁴	LM⁵
1. Como foi o processo de escolha para o curso de graduação?	<p>Entre as minhas opções o que eu mais queria era licenciatura em física, porque gostava muito de Física desde o ensino médio e sempre tive uma afinidade mais da parte da astronomia. Depois acabei chegando aqui e vendo que eu gostava de quase tudo em física. Mas porque eu queria na verdade era bacharelado, mas acabei ficando na licenciatura e acabei gostando e eu percebi que eu não precisava ficar só no bacharelado que a licenciatura ia me dar um leque muito maior de opções. Aqui na Unipampa o curso de licenciatura em física é bem aprofundado nas cadeiras específicas então depois eu conseguir um mestrado em uma área teórica, não ia ser tão difícil isso, depois eu poderia conseguir um bacharel também, depois de eu me formar, aí isso aí me fez continuar no curso e também porque eu gostei assim da parte de dar aula e tal e acabei me encontrando um pouco mais.</p> <p>O que foi determinante foi a proximidade, o fato de eu não querer sair de Bagé e ter o curso aqui; foi mais que meio por comodidade assim, mas mais porque eu gosto de reclusão também.</p>	<p>Me formei com 17 anos, entrei na faculdade com 21. Queria dar um tempo. Mas foi bom porque se tivesse saído da escola e entrado direto na faculdade com certeza teria escolhido outra área. Não tinha contato com as duas áreas, nem com a música nem com a educação. Chegou uma época que eu queria ter faculdade e não interessava de que, só queria ter uma graduação. Foi quando trouxeram o curso de Música pra Bagé. Só que trouxeram licenciatura e eu não fazia ideia do que era licenciatura. Peguei só a palavra música e eu já tinha contato com a música e queria me especializar para as atividades que eu tinha com a música que não era ensinando, era tocando. Escolhi o curso de Música também pela influência da minha nota do Enem. Fiquei uma noite inteira tentando decidir se ia pra Música ou ia pra o curso técnico de enfermagem, uma coisa que também me chama atenção é a área da saúde. Fiquei na dúvida e acabei escolhendo Música meio que por impulso de ser aquilo que eu gostava, mas a música em si, não a licenciatura. Aí me inscrevi, consegui passar e no início eu tinha dúvidas, porque não era o que eu queria, é outro universo completamente diferente a área da licenciatura. No início era meu lema: “eu jamais vou entrar dentro de uma sala de aula pra ensinar, não vou ensinar, não quero ensinar”.</p> <p>O fato da escolha por licenciatura e Música foi o nível de oportunidade que a gente tinha aqui; é o que tinha.</p>

⁴ Licencianda em Física

⁵ Licencianda em Música

<p>2. Você pensava em cursar uma licenciatura? Por quê?</p>	<p>Não, porque eu sempre tive muita dificuldade em apresentar trabalho, eu não conseguia falar muito bem em público; aí eu pensei que isso ia me prejudicar na hora que fosse ser professora e porque eu também não tinha nenhuma vontade em ser professora. A situação do professor no Brasil é bem ruim hoje, a gente tem um quadro que não é muito favorável, então eu não queria mesmo ser professora. Mas acabei mudando de ideia ao longo do curso, eu percebi que na área da física hoje tu vai acabar dando aula, mesmo que seja só na Universidade. Então eu percebi que eu precisava ter uma base de como dar aula porque eu ia ter que dar aula na Universidade de qualquer jeito mesmo se eu fizesse bacharelado. Então eu percebi que tendo essa dificuldade eu ia ter que sanar ela em algum momento se eu gostasse de física, se quisesse ficar nessa área.</p>	<p>Não, minha opção para a área da Música era bacharel no instrumento, era só o que eu queria: tocar. Não fazia ideia que na área da educação a música pode ser tão ampla, porque tu pode ir pra qualquer área, tu pode te especializar dentro da música em várias outras áreas.</p> <p>Porque eu acho essa é uma profissão muito desvalorizada desde quando a gente é criança e começa com o próprio professor. A gente tá dentro da sala de aula e começa escolher uma profissão pro futuro. Tu é incentivado pelos teus professores a valorizar e desvalorizar algumas profissões. E as pessoas crescem com essa visão medíocre e pequena porque tu aprende desde pequena: Doutor, advogado é uma baita profissão. Agora professor? O próprio professor fica dizendo, porque o professor não recebe direito, porque o professor só se incomoda com os alunos, não ganha pra o que ele tem que ouvir e levar. E também na mídia que eles colocam as coisas que acontecem: um aluno desrespeitando um professor. Tu cresce ouvindo que certas profissões são boas e certas profissões são ruins. Ela é só desvalorizada e no fim tu nem sabe se não é o que tu queria. Tu precisa vivenciar como aconteceu comigo, entrar pra dentro de uma licenciatura, pra lá descobrir que não é bem assim; que existe um outro lado da profissão. Eu não queria por isso, por ser desvalorizado.</p> <p>Eu achava que era terrível, pois só via os professores falando mal.</p>
<p>3. Comente sua trajetória na educação básica:</p>	<p>Eu sempre fui muito quieta na sala de aula. Sempre não, nos primeiros anos no ensino fundamental eu era mais quieta e tal e tirava boas notas. Depois eu fui meio que me desvirtuando assim; chego lá na quinta série, oitava série a gente vai começando a conversar mais, a gente vai começando a explorar mais a turma, ter mais amigo e tal. Nesse período eu era meio que os medianos da turma; não era nem dos melhor lá, nem dos pior. Eu entregava os trabalhos na data e tudo, eu era bem</p>	<p>Quando eu era pequena acho que tinha déficit de atenção. Quando era criança, era extremamente quieta.</p> <p>Aí cresci, fiquei mais rebelde, não levava material, não levava nada. Não era boa aluna.</p> <p>Quando era pequena eu achava o professor o máximo, quando adolescente tem aquela fase que tu acha o professor a coisa mais insuportável do mundo, mas pela onda dos outros de tu ficar criticando. Eu era aluna quieta que estava no meio da bagunça. Mas eu achava o máximo porque eu consegui me enturmar. Eu era quieta e não conseguia me relacionar com os outros colegas, era isolada, eu só conseguia me relacionar com os amigos da minha irmã,</p>

	<p>comprometida assim. Quando eu cheguei no ensino médio eu tinha mais facilidade de fazer as coisas porque a gente estudava de noite, então a gente tinha o dia inteiro pra fazer as coisas. Até que eu gostava de estudar de ir pra escola. Só que... sei lá, eu achava que... não sei se é uma visão minha de agora ou se eu já tinha naquela época, mas que tipo, depois que a gente vem pra faculdade a gente descobre que tem tantos outros jeitos de dar aula e tal, aí parece que a gente ficava muito limitado lá.</p> <p>Eu ficava nos grupinhos assim, não era aquela pessoa que me dava com todo mundo a cada momento, mas sentava com algumas pessoas assim, me dava com algumas pessoas e tal. Não era muito de conversar com todo mundo, mas também não ficava tão retraída, não era a excluída da aula. Eu comecei a pensar a fazer curso superior no ensino médio. A gente entra no ensino médio e as professoras começam a falar só Enem, Enem, Enem, aí eu pensei: “eu vou fazer curso superior, não quero começar a trabalhar só com o ensino médio”.</p>	<p>que era sempre minha colega e ela tinha muita facilidade pra fazer amigos. Eu só estava junto, porque eu não tinha assunto com nenhum deles. Nunca estudei, porque minha nota sempre foi no limite, só pra passar.</p> <p>Naquela época não era tão difícil entrar em um curso superior, mas não tinha tanto acesso a internet e a conhecimentos assim. O fato de eu não ter na minha família ninguém com formação superior, isso acabou distanciando o conhecimento de como tu entrar. Eu achava que tu teria que pagar muito dinheiro pra tu fazer uma graduação. Não tinha conhecimento de como tu fazia pra entrar em uma faculdade. Fazer vestibular, fazer essas coisas. Eu achava que era impossível todo esse processo. Achava que ia me formar no ensino médio e seguir trabalhando em uma loja. Esse foi um dos motivos de eu me formar e continuar com esse pensamento. Até que conheci pessoas com nível superior, não era tão comum. Hoje já tem a oportunidade de ir à Universidade [visitar], eu nunca fui. Eu não pretendia [fazer curso superior], porque não achava que seria alguma coisa viável</p>
<p>4. Depois de ingressar na universidade o que tem a dizer sobre seu curso?</p>	<p>O meu curso se mostrou bem melhor do que eu esperava porque eu não pensava que ele teria tantas cadeiras relacionadas ao bacharelado. Eu achei que seria bem mais na parte de ensino do que do que do bacharel, mas depois esse foi um dos motivos que eu acabei ficando, gostando cada vez mais do curso e também porque eu fui me interessando, as cadeiras de ensino, eu passei a gostar bastante. Eu</p>	<p>No início não era o que esperava porque eu entrei com uma ideia de Música e cheguei lá e descobri que a licenciatura não tinha nada vê com a ideia que eu tinha. Mas aos poucos eu fui me encaixando e fui me descobrindo ali dentro.</p> <p>Eu acho que o curso é muito positivo, acho que nós temos professores de altíssimo nível, que são na verdade os que me influenciaram. Quando entrei nosso curso tava recém sendo implantado e implementado. Aí teve problemas de professores, eles estavam temporários ali. Em um semestre tivemos quatro</p>

	<p>acho que é um curso bem difícil as pessoas tem que realmente se dedicar bastante.</p>	<p>professores de violão. No início estava enlouquecida, não era aquilo que eu queria. Mas agora está tudo organizadinho. Então cada professor sabe o que tá fazendo, tá na área dele e consegue fazer o aluno gostar daquilo ali. Foi por isso que eu comecei a gostar</p>
<p>5. Você já esteve à frente de uma sala de aula como professor? Se sim, poderia compartilhar sua experiência?</p>	<p>Sim, minhas experiências foram no meu estágio e no PIBID. No PIBID a gente faz tudo em grupo então parece mais fácil. E geralmente a gente pega grupos menores de alunos. Já no estágio. No primeiro estágio basicamente todo foi com a professora regente junto comigo, então não foi tão difícil assim como tá sendo o segundo. No segundo eu tentei fazer uma regência, ficar sozinha em sala só que não foi muito legal porque a turma não parou, a indisciplina é o pior; o único problema que a gente tem. É uma turma de primeiro ano. Eu já meio que esperava que ia ser meio tumultuado, mas não esperava que ia ser tanto assim.</p> <p>A visão da gente muda, tipo... agora eu tô na Universidade, agora eu tô dando aula.</p>	<p>Sim, a gente já tem um contato com a música e a música já cria o ambiente e já faz o ambiente ser legal. Se eu chegar ali e dizer: “vamos ter aula de música” já cria a expectativa: o que é? Como é: O que a gente vai fazer, porque pode acontecer tanta coisa. Essa é a vantagem de Música.</p> <p>O primeiro convite que recebi para dar aula de música, eu fiquei apavorada e eu não tinha formação, eu estava no meio da minha formação. Eu fiquei apavorada por eu achar que eu não saberia ensinar, não teria nenhuma orientação até então, simplesmente me colocaram com o meu instrumento ali dentro e colocaram dez alunos pra eu ensinar. Como meus alunos, eu tinha que ensinar, tanto a prática musical, como a teoria, porque era em um projeto social; aí tinha um professor de cada instrumento e cada professor se vira pra explicar tudo que é necessário pra ele tocar aquele instrumento e aí eu tive que ensinar; e os alunos começaram a evoluir mais rápido que os outros alunos; e eu tive que assumir a aula de teoria pra todos os alunos do projeto; e foi aí que eu descobri que ensinar é legal. Eu já estava na licenciatura, mas só descobri que eu amava isso de ensinar quando me deram alunos e aí eu amei. Tive mais oportunidades de ensinar, tanto musicalização, tanto outras áreas dentro da Música eu sempre gostava e o resultado era sempre positivo na maneira que os alunos se desenvolviam e eu descobri uma didática pra ensinar, eu descobri que eu tinha facilidade pra explicar, que pessoa conseguia compreender o que eu queria e a pessoa conseguia se desenvolver. Quando tive minha primeira experiência de estágio que era só de observação, eu quase morri, e eu já dava aula, já tava acostumada só que não é na música. Quando tu dá aula em um</p>

		<p>projeto, quando dá aula particular as pessoas que vão, vão porque querem aprender, vão se sujeitar e se submeter a qualquer coisa. Vão entrar com aquela expectativa já querem; tu é o rei ali dentro. No colégio é diferente; eles estão lá porque são obrigados; já não recebem de qualquer forma. Tanto faz pra eles. Tava apavorada, porque os alunos não iriam gostar. Eu tinha que pegar a educação infantil, todos os níveis da educação básica. Eu achava: “criança não tem opinião, tu vai lá coloca o conteúdo e eles engolem goela abaixo”. O que não é. Eles te analisam um monte, tu chega lá e tem que tá sabendo o que tu tá ensinando. Eu tava tranquila igual, mas um pouquinho nervosa . No meu primeiro estágio eu tinha que observar e fazer uma intervenção nas séries finais do ensino fundamental e no médio só observei e não tive coragem de dar aula. Quando cheguei no estágio mesmo ia quase morrendo, porque parecia outro universo. Tu chega lá, eles te recebem de um jeito diferente de que quando tu ta dando aula particular ou em um projeto, mas o fato de ser música já quebra. Mas durante o momento que eu estava só observando eu morria, porque eles com a professora deles tinham uma reação, que é artes, era normalmente o momento de bagunçar, agora tu dar aula em uma turma que já tem esse clima. Eu dizia: “como vou dar aula? Como vou fazer os alunos pararem?”, porque observava esse tipo de comportamento. Aí quando cheguei na frente e falei que não seria artes seria música, tive que explicar, porque ninguém sabe o que é, tu tem que introduzir, mas ta aí a vantagem porque fica na expectativa. Eu quase morria, mas a experiência lá dentro foi legal e amenizou tudo também.</p> <p>Foi o máximo retornar a escola no papel de professora. Um dos estágios que fiz foi na escola que eu me formei. Foi muita nostalgia, muito massa. Quando eu saí dali, eu não queria nunca mais voltar, eu detestava aquele colégio. Quando eu pus os pés na quadra com aquele nervosismo, porque ia trabalhar com adolescentes, na nossa área somos muito mais preparados para dar aula pra crianças do que pra</p>
--	--	--

		adolescentes e adultos. Eu entrei na sala, sentei na última cadeira, lembrei de quando era criança, lembrei do quadro, com aquela sensação de grandeza: agora eu sou a professora
6. Você quer ser professor? Por quê?	<p>Hoje eu quero ser professora, porque eu acho que professor é meio que uma missão; mais o social assim. Uma coisa que o Brasil tá precisando e a educação do Brasil é uma coisa que a gente tem que lutar por ela e reivindicar por ela. As escolas estão soltas, o governo não se importa mais. Muitas escolas estão sem verba pra muita coisa e eu acho que tu sê professor, não que seja um dom, mas uma coisa que tu vai construindo, que tu vai aprendendo; mas é uma profissão importante diria que é uma das profissões mais importantes, porque é aquela que forma os outros profissionais.</p>	<p>Ao longo do curso, segundo semestre, tu já vai ampliando mais a tua mente pras coisas; tu já vai conhecendo. Aos poucos eu fui me descobrindo ali dentro também, começando a me adaptar. No início com aquela resistência e o universo foi mudando completamente. Conforme a gente foi estudando eu fui vendo que era outra coisa. E surgiu a oportunidade de eu colocar em prática também, nessa coisa de ensinar e o gosto também pelo quando tu ensina uma coisa e a pessoa aprende e a reação quando tu ensina pra criança. Não só criança, adultos é que agora eu quero ter mais essa experiência de trabalhar com adultos também. Isso começa tipo: “ah, que massa ensinar, ensinar é legal”, e aí tu vai aprendendo e vai te desenvolvendo. Tu tem que descobrir na pessoa aquilo que ela consegue desenvolver e tu como professor precisa encontrar uma metodologia para conseguir desenvolver aquilo. Então isso que é o interessante, porque tu tem dez mil alunos e nenhum vai ter uma reação igual. E tu tem que saber como ler a pessoa e tirar aquilo. Se tu pensar racionalmente tu não vai escolher [a profissão docente], mas quando tu vive aquilo, desperta em ti aquele interesse pela arte de ensinar aí tu acaba optando por aquilo. É eu não vejo em outra área, não me vejo em outra profissão, mesmo com todas as dificuldades que a área tem.</p>
7. O que você pretende fazer após se formar na graduação?	<p>Pretendo seguir estudando e fazer mestrado, não muito bem nessa área. Na física teórica talvez, algumas coisa com astronomia ou astrologia ou física de partículas. Alguma coisa assim.</p> <p>Na educação básica não pretendo ser professora a não ser que eu faça um mestrado profissionalizante, mas ai eu faria na área de filosofia da ciência, alguma coisa assim na história da ciência. Mas não</p>	<p>Pretendo fazer mestrado e do mestrado entrar direto pro doutorado, emendar um curso no outro. Não sei se vai ser possível. Eu quero dar aulas de música em projetos, aulas particulares, no ensino da música em si ou então em instituições particulares em que o foco específico é a música. Eu ainda não quero dar aula em colégio; entrar para dentro de uma sala de aula para dar a matéria de Música dentro das artes como é o que tão propondo e aquele tipo de música que tão propondo; porque pra mim às vezes parece mais brincadeira ou alguma coisa assim com a música e não é o que eu</p>

	<p>penso em me formar e já ir trabalhar na educação básica, penso em me formar e ir direto pro mestrado já. Até penso em fazer outra faculdade relacionada a design. Mas não sei daria muito certo, porque eu gosto dessa coisa de desenhar.</p>	<p>quero. Eu quero, agora eu tô fazendo estágio no IMBA, agora eu tô me sentindo dando aula de música não foi o que aconteceu antes, foi legal, mas não era isso. Então eu quero fazer mestrado e doutorado porque se é pra dar aula eu prefiro dar aula em uma universidade. Eu pretendi depois que me formar fazer uma faculdade na área da saúde ainda e de alguma forma juntar essas duas áreas, como a musicoterapia, alguma coisa desse gênero.</p>
<p>8. Descreva que professor(a) você pretende ser ou seria?</p>	<p>Pretendo ser um professor que reflita sobre aquilo que tá fazendo, que tente incentivar os alunos a gostar de Física e aprender Física de uma maneira que não seja mecânica, que eles achem interessante realmente aprender Física. Espero que meus alunos me vejam como uma professora legal e divertida, que trás coisas legais pra aula. Mas a maioria, geralmente os alunos acham o professor de Física bem chato. Vou tentar mudar esse conceito.</p> <p>Acho minhas que principais qualidades como professora seria a criatividade, tentar trazer a reflexão sobre Física; organização; ter um material que realmente servisse de apoio pra eles, que não fosse algo que eles copiassem no caderno; se importar com os alunos; não tentar pressionar tantos eles, fazer mais trabalhos avaliativos, mais recuperação; não pensar só na resposta final, mas em todo o desenvolvimento que aquele aluno teve, se preocupar mesmo com o aprendizado do aluno. O principal defeito seria não conseguir controlar a turma, acho que é mais uma coisa de postura, saber como falar com os alunos e como agir.</p>	<p>Às vezes tu precisa ser exigente pra alcançar esse resultado que tu precisa na área da música. Acho que teria que ser exigente, mas ao mesmo tempo como as pessoas precisam gostar de tá ali, tu precisa criar um clima agradável. Sempre quando estou à frente de alguma coisa, eu procuro sempre fazer com que exista um clima de conversa: de brincar, debochar e entrar no mesmo clima que eles. Isso não pode acontecer em um colégio, talvez em outra área porque vire bagunça ou desrespeito, mas na área da música tu pode. Me vejo uma professora que cria um clima mais descontraído e isso não pode ser em qualquer contexto. Depende do ambiente, eu me adaptaria.</p> <p>Eu tenho muita paciência se me perguntar um conteúdo que eu já expliquei dez vezes eu vou te explicar como se fosse a primeira vez.</p> <p>Para um aluno eu tenho muita paciência pra o que tem interesse e pra o que não tem interesse também. Eu vou tentar ler a mente dele e fazer alguma coisa pra que chame a atenção dele. Mas não tenho paciência pra o que gira em volta, pra coisa acontecer precisa de muita coisa, eu dependo da disponibilidade das outras pessoas que estão ali pra ajudar. Se eu tivesse o meu espaço e não precisasse das outras coisas e das outras pessoas, fosse só eu e meu aluno, seria perfeito.</p> <p>Eu vejo a profissão como o máximo. Tudo na verdade gira em torno de ensinar. Um professor se capacita pra poder ensinar. Nada acontece, o mundo não gira se não tiver alguém ensinando.</p>

	<p>Ser professor é uma missão, é uma das profissões mais importante. Já ouvi falar que no Japão a pessoa mais respeitada depois do Imperador é o professor. Acho que seria uma coisa importante no Brasil. No Brasil o professor não é respeitado, não é valorizado. Importante valorizar essa profissão que a gente precisa tanto.</p>	
<p>9. O que significa ser professor para você?</p>	<p>Significa formar pessoas. Não só pra que eles passem no Enem ou consigam entrar no curso que elas querem. Significa fazer a diferença na vida dos alunos. Levar alguma coisa que faça eles pensarem na importância que tem cada conhecimento, que o conhecimento nunca é demais.</p>	<p>Significa algo importante. Eu me sinto mais completa sendo professora; muda completamente meu humor, muda completamente a minha forma de ver as coisas; eu me sinto bem. Tu vive em torno daquilo, isso se torna esgotante e cansativo às vezes, mas dentro da sala de aula, naquele momento ali, tu consegue anular qualquer outra coisa. Ao invés de sair cansada eu me sinto mais leve.</p>
<p>10. Em sua opinião, e baseado em sua experiência na educação básica e em um curso de licenciatura, o que seria uma docência exercida com qualidade?</p>	<p>Seria fugir do ensino tradicional, se atualizar. Seria o professor perceber que ficar só passando no quadro, só querendo empurrar o conteúdo pros alunos não é o melhor. Que ele tem que sempre tentar dar o melhor dele e se atualizar.</p>	<p>Continuar estudando. Um professor que se formou um tempo atrás, ele se formou com um determinado perfil e esse perfil eu acho, às vezes, que esse perfil é retrógrado para os alunos que a gente tem agora. Ter a mente aberta e compreender isso: que professor, ele precisa sempre estar estudando e observando os alunos. Tu não pode generalizar toda turma. O jeito de dar aula, de explicar e talvez até o plano de aula teria que ser diferente para turmas com perfis diferentes. Um grande erro dos professores é aplicar a mesma didática pra ensinarem e sem se importar com o aluno se ele tá aprendendo. No momento que tu consegue perceber que aquele aluno tem esse perfil, ele não consegue aprender dessa forma e aquele é de outra forma e tu conseguir fazer com que a tua aula consiga ser clara para os dois, tu está exercendo uma docência com qualidade. Essa percepção e tu estar te inovando sempre. Pra tu ter um professor de qualidade ele precisa tá dominando a matéria que ele tá ensinado. Porque se tu sabe o que tu tá fazendo tu chega ali e tu é dono da situação.</p>
<p>11. Há algum professor que poderia ser citado</p>	<p>Professora Rosana, minha orientadora de estágio, porque ela é um dos poucos</p>	<p>Tem uma professora que acho que comecei a me interessar mais por essa área por causa dela e também eu queria ir pra</p>

<p>como exemplo de exercer uma docência de qualidade?</p>	<p>professores... ela e o professor Pedro Dorneles, são um dos poucos que não ficam no ensino tradicional. Porque mesmo que a gente esteja estudando isso, a gente ainda acha professores assim na faculdade, que são só de passar no quadro. Acho que eles [Rosana e Pedro] são os exemplos de professores que levam coisas diferentes pra aula, levam meios diferentes de tu aprender.</p>	<p>mesma área. Ela era professora de Biologia, a maneira que ela explicava, ela lia o texto do livro e ela explicava, eu acho que ela foi a primeira professora que eu vi nesse perfil: de caminhar e contar pros alunos. Acho que tenho esse perfil. Os outros tinham mania de encher o quadro de coisas, depois te dar uma lista de perguntas pra tu decorar aquelas perguntas e respostas pra tu fazer a prova. Foi a primeira vez que eu tive a experiência de ver um professor não escrever no quadro. Ela tava dominando o assunto. De alguma forma eu tava sendo influenciada por ela, fiz aquilo por prazer. Eu chegava em casa encantada e explicava pra todo mundo cada detalhe. Eu conseguia aprender pelo perfil dela ensinar.</p>
--	--	--